

46 literary canon on the approach to literature written by women in school. Through bibliographic research, we
47 sought to discuss how the erasure of Brazilian female writers from the canon influences the development of the
48 basic education curriculum and, consequently, limits students' exposure to these writers. Among the results, it is
49 evident that the approach to literature written by women in school is fundamental to building an egalitarian and
50 inclusive education. It is important that Brazilian female writers are introduced to students so they can identify
51 with their stories, be inspired by their journeys, and understand the richness and diversity of literature produced
52 by women. The inclusion of these works in the school curriculum is important not only to ensure representation
53 in literature but also to expand students' perspectives and promote diversity.

54 I.

55 1 Introdução

56 Eu falarei da escrita feminina: disso que ela fará. É preciso que a mulher se escreva: que a mulher escreva sobre
57 a mulher e faça vir as mulheres à escrita, de onde elas foram afastadas tão violentamente quanto foram de seus
58 corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, no mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se conduza ao
59 texto -como ao mundo e à história -, se seu próprio movimento ??CIXOUS, 2020, p. 37).

60 o longo da minha vivência, sempre fui atraída pelas palavras, o que elas significavam e o sentido que
61 produziam. Minha vida foi marcada por mulheres que tornaram essa experiência ainda mais intensa. Desde
62 minha alfabetização, incentivada precocemente por professoras, até o incentivo a buscar uma escrita cada vez
63 mais assertiva, eu sempre estive rodeada de mulheres inteligentes, leitoras, subversivas e sedentas por aprender.
64 Elas se tornaram meu referencial desde cedo e assim é até hoje.

65 Minha paixão pelos livros foi aprofundada ao mergulhar nas palavras de outras mulheres que inspi-
66 raram/estimularam meu interesse na busca pelo conhecimento e ao longo do meu crescimento sempre estive
67 rodeada por elas. Contudo, à medida que eu crescia, em minha vivência escolar, comecei a observar que as/os
68 professoras/es, embora excelentes profissionais, já não tinham a abertura para nos direcionar em leituras como
69 minhas professoras anteriores faziam. O currículo era a diretriz para essas indicações. No Ensino Médio, o foco
70 passou a ser, de forma mais pragmática, o ingresso ao Ensino Superior e isso demandava que nos aprofundássemos
71 nos clássicos da literatura. Nesse momento, comecei a me sentir desconfortável com o fato de que "clássicos"
72 eram uma concepção masculina.

73 Recordo-me de estudarmos pouquíssimas escritoras mulheres nesta fase. Machado de Assis me deixava
74 deslumbrada, mas eu queria me identificar ainda mais. Clarice me arrebatava, mas eu queria descobrir outras
75 mulheres potentes como ela. Assim, atravessei o Ensino Médio com esse incômodo velado e apenas no Ensino
76 Superior compreendi de maneira mais evidente o que isso significava para mim no contexto literário.

77 Eu tinha ânsia de descobrir outras mulheres que, também, ajudassem a me descobrir por meio de suas palavras.
78 A ideia de "clássicos da literatura" não contemplava meus desejos. Porém, fui privilegiada na academia por
79 conviver com mais escritoras inspiradoras que me direcionaram nessa busca. E isso resultou na necessidade de
80 abordar metodologicamente como o cânone literário se condensa em uma maioria esmagadora de artista homens
81 e como isso influencia a construção do currículo escolar, estimulando o contato de estudantes com uma literatura
82 feita por homens.

83 Atualmente, a representatividade é temática de discussão imprescindível na sociedade. Embora homens e
84 mulheres, hoje, tenham direitos em comum, sabe-se que isso não ocorreu desde sempre na história da humanidade.
85 Aos poucos as mulheres têm se apropriado da voz que há muito foi silenciada. Reflexo disso foi o tardio acesso
86 à escrita e ao reconhecimento literário. Durante séculos as mulheres foram proibidas moralmente e politicamente
87 -de estarem em ambientes coletivos. Essa exclusão do ambiente fora do lar limitava a mulher às atividades
88 principalmente domésticas.

89 Em diversos âmbitos ainda temos atualmente heranças dessa desigualdade de acesso. Em Um teto todo seu,
90 Virginia Woolf (2014) pondera sobre a hipótese de Shakespeare ter tido uma irmã escritora tão talentosa quanto
91 ele e se ela poderia ter tido o mesmo êxito que o irmão na profissão. Contudo, temos um exemplo bem real, não
92 na literatura, mas em um campo artístico que nos ilustra qual poderia ter sido o destino de Judith: Maria Anna
93 Walburga Ignatia Mozart, apelidada de Nannerl.

94 A irmã de Mozart era prodigiosa na música, se apresentava antes mesmo do irmão mais novo para plateias
95 lotadas e era aclamada, mas precisou abandonar a carreira musical para se casar e seguir os preceitos morais da
96 época. Música, política, teatro, literatura: quando enfim pudemos ocupar tais espaços, quantas de nós foram
97 apagadas ou esquecidas porque o cânone, o prestígio, o sucesso já era dominado por homens? É na tentativa de
98 honrar a trajetória de tantas mulheres, refletindo e discutindo sobre a reconstrução do cânone, que esta pesquisa
99 se propõe.

100 A invisibilização das mulheres é uma questão significativa na literatura, pois tem um impacto profundo nos
101 livros que lemos e no que é considerado literatura canônica. A ausência de vozes femininas na literatura é
102 resultado da sociedade patriarcal que historicamente priorizou as vozes masculinas. Esta questão não se limita
103 apenas à literatura, mas também permeia outros aspectos da sociedade. É essencial estudar e abordar este tema,
104 pois destaca a discriminação baseada em gênero que está presente há séculos.

105 Ao lançar luz sobre a invisibilização das mulheres na literatura, podemos encorajar mais vozes femininas a
106 serem ouvidas, lidas e estudadas, permitindo que todas/os tenham oportunidades iguais para compartilhar suas
107 histórias e perspectivas. Abordar escritoras mulheres nas escolas é uma forma importante de transformar esse

108 cenário. Ao incluir a literatura de autoria feminina no currículo escolar, podemos desafiar a visão convencional de
109 que a literatura masculina é superior. Isso não só dá às estudantes modelos de mulheres fortes e independentes,
110 como também ensina às/aos alunas/os a importância de ouvir diferentes perspectivas a lidar com a diversidade.
111 Além disso, a inclusão da literatura de autoria feminina nas escolas pode ajudar a encorajar mais mulheres a se
112 tornarem escritoras, o que pode levar a uma maior representatividade feminina na literatura.

113 A pesquisa se propõe em seu objetivo geral discutir como o apagamento das escritoras brasileiras do cânone
114 literário influencia a elaboração do currículo escolar no cenário da educação no Brasil e limita o contato dos jovens
115 a essas autoras e suas obras. Esse enfoque, que permeia reflexão, será dado a partir de uma pesquisa documental,
116 que se debruçará sobre publicações já feitas sobre o tema, cruzando informações sobre cânone, crítica literária e
117 a elaboração do currículo escolar.

118 Além de avaliar o impacto da inclusão de livros escritos por mulheres no currículo escolar na percepção
119 da sociedade sobre a literatura feminina, essa pesquisa, em seus objetivos específicos, pretende analisar a
120 representatividade feminina na literatura canônica e avaliar o impacto da inclusão de livros escritos por mulheres
121 na extensão do cânone literário; comparar a recepção de livros escritos por mulheres com a recepção de livros
122 escritos por homens e avaliar se há um viés de gênero na crítica literária; e investigar como a inclusão de livros
123 escritos por mulheres no currículo escolar pode afetar a autoestima e a autoimagem das alunas e promover a
124 igualdade de gênero.

125 O trabalho está estruturado em quatro seções. Princípio a pesquisa com "Literatura: substantivo feminino",
126 na qual disserto brevemente sobre a origem do termo "literatura" e trato de sobre como esse substantivo feminino
127 nomeia essa expressão artística capaz de expressar e modificar a sociedade. Apoiado na teoria e crítica literária
128 feminista, a seção busca provocar a reflexão sobre a ausência de representatividade feminina na literatura e como
129 se deu a trajetória das mulheres nesse espaço.

130 A seção "Cânone: substantivo masculino" problematiza a influência do patriarcado na formação do cânone
131 literário e elenca a crítica literária feminista como uma maneira de valorizar as literaturas de autoria feminina.
132 A seção "Literaturas de autoria feminina na práxis docente" se apoia em pesquisadores da Linguística Aplicada
133 para refletir sobre possibilidades de uma prática em sala de aula que amplie o olhar para além do que está posto
134 nos manuais de literatura como convencional.

135 Na seção "A literatura de autoria feminina no livro didático", elenco algumas pesquisas já publicadas que anal-
136 isam quantitativamente o número de autoras mulheres em livros didáticos versus o número de escritores homens
137 citados. A partir da pesquisa bibliográfica desenvolvida, buscou-se discutir como o apagamento das escritoras
138 brasileiras do cânone influencia a elaboração do currículo escolar da educação básica e, conseqüentemente, limita
139 o contato dos estudantes a essas autoras.

140 2 II. Literatura: Substantivo Feminino

141 O que falta essencialmente à mulher de hoje, para fazer grandes coisas, é o esquecimento de si: para se esquecer é
142 preciso primeiramente que o indivíduo esteja solidamente certo, desde logo, de que se encontrou. Recém-chegada
143 ao mundo dos homens, e mal sustentada por eles, a mulher tá ainda ocupada com se achar (BEAUVOIR, 2019.
144 p. 527).

145 A literatura é um termo que pode ter diferentes definições e significados, dependendo do contexto em que é
146 utilizado. Em termos gerais, sabe-se que a literatura é uma forma de expressão artística que utiliza a linguagem
147 escrita para criar obras que contam histórias, exploram ideias e emoções, ou simplesmente proporcionam o prazer
148 estético. Desde a Antiguidade, teóricos têm tentado definir e compreender a natureza da literatura. Um dos mais
149 conhecidos é Aristóteles, que em sua obra *Poética* estabeleceu a ideia de que a literatura é uma forma de imitação
150 da realidade, que visa emocionar e provocar o público. No século XX, outros teóricos importantes emergiram,
151 como Roman Jakobson, que enfatizou a função poética da linguagem, ou seja, a maneira como as palavras são
152 escolhidas e organizadas para criar efeitos estéticos e comunicativos, como em *Linguística e Literatura* (1975),
153 obra por meio da qual ele aborda a relação entre a linguística e a literatura, enfatizando a importância da
154 linguagem na criação literária. Outros teóricos, a exemplo de Michel Foucault, defenderam uma abordagem mais
155 crítica e questionadora da literatura, além das lutas de classe, a partir do aparelhamento de Estado.

156 Em *Linguagem e Literatura* (2000), Foucault aborda principalmente o conceito de linguagem e a relação entre
157 linguagem e literatura. O filósofo analisa a linguagem como um domínio independente da realidade, com regras
158 próprias de funcionamento, e explora as possibilidades criativas oferecidas pela linguagem por meio da literatura.

159 Uma definição recorrente de literatura é que ela é uma forma de arte que utiliza a palavra escrita como meio de
160 expressão. No entanto, muitos teóricos apontam que essa definição é muito ampla e abrangente, e que é necessário
161 levar em consideração o contexto social, histórico e cultural em que a obra é produzida. Terry Eagleton (2006)
162 discorre que a literatura se define não por ser ficcional ou imaginativa, mas por ser uma expressão peculiar da
163 linguagem.

164 Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita
165 "imaginativa", no sentido de ficção -escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda
166 que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede
167 (EAGLETON, 2006, p. 01).

168 Etimologicamente, a palavra "literatura" deriva do latim *litteratura*, derivado de *littera*, que significa letra.
169 Podemos, portanto, inferir o conceito de literatura à relação com a palavra escrita ou impressa e a arte de escrever.

3 A) A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA COMPREENDER E MODIFICAR A SOCIEDADE

170 O termo se referia, inicialmente, ao conjunto de saberes relacionados com a escrita, a leitura e a gramática. Com
171 o passar do tempo, a palavra foi adquirindo novos significados, passando a designar também as obras escritas
172 que se destacavam por sua qualidade estética e artística. Assim, "literatura" passou a ser associada à arte da
173 palavra, à produção de obras literárias que transcendem a mera comunicação de informações e visam à expressão
174 estética e artística (SILVA, 2007).

175 Vítor Manuel de Aguiar Silva (2007) destaca que a definição do termo "literatura" é complexa e variável,
176 sendo influenciada por fatores históricos, culturais e sociais. No entanto, a obra literária é sempre vista como
177 uma forma de expressão artística que pode transmitir valores, emoções e reflexões sobre a condição humana.

178 A literatura pode ser entendida como uma forma de discurso que reflete e refrata as normas e valores culturais
179 dominantes. Não obstante, há os que defendem que a literatura é uma forma de experimentação linguística e
180 estética, que desafia as convenções literárias e empurra os limites do que é considerado literário. O conceito de
181 literatura é complexo e multifacetado, e pode ser compreendido de diferentes maneiras, dependendo do contexto
182 em que é utilizado e da perspectiva teórica adotada. No entanto, todos concordam que a literatura é uma forma
183 de arte que é capaz de provocar emoções, questionar valores e refletir a condição humana.

184 Antonio Candido relaciona em seu consagrado texto *O direito à literatura* (1995) essa manifestação artística
185 aos Direitos Humanos. O texto aborda a questão do acesso à literatura como um direito fundamental de todos
186 os indivíduos. O crítico literário destaca que a literatura não pode ser vista como um privilégio de uma elite
187 cultural, mas sim como uma forma de expressão artística que deve estar acessível a todas/os. Segundo Candido,
188 a literatura tem um papel fundamental na formação da identidade e na ampliação da consciência crítica dos
189 sujeitos. Ela permite o contato com outras culturas, outros modos de pensar e de ver o mundo, ampliando a
190 visão de mundo e as possibilidades de transformação social.

191 Todavia, o estereótipo histórico de que a literatura é prerrogativa de uma minoria representada pela elite social e
192 intelectual ainda persiste. A promoção e perpetuação do estereótipo de que a literatura é exclusivamente destinada
193 à elite social e intelectual levanta questões sobre a quem esse padrão de concepção literária serve e beneficia.
194 Ao reforçar essa imagem restritiva, corremos o risco de marginalizar e desvalorizar vozes e perspectivas que
195 não se encaixam nesse padrão, limitando a diversidade e a pluralidade de experiências literárias. É fundamental
196 questionar e desconstruir essa noção elitista, promovendo uma visão mais inclusiva e democratizada da literatura,
197 que abrace as múltiplas vozes e expressões culturais.

198 A literatura ser vista muitas vezes como elitista e limitada aos intelectuais contribui para que muitas pessoas
199 não se sintam estimuladas a se aproximarem desse universo. Além disso, a literatura, ao longo do tempo, foi
200 um recurso que reforçava a posição de poder, principalmente, de homens. As obras literárias eram muitas vezes
201 produzidas por homens, para homens e a partir de uma perspectiva masculina, o que acabava por excluir outras
202 vozes e vivências. Diante desse cenário, Candido (1995) defende que é fundamental democratizar o acesso à
203 literatura e promover políticas públicas que estimulem a leitura e a produção literária por todos os segmentos
204 sociais. Ele argumenta que a literatura deve ser vista como um direito de todos, e não como um privilégio de
205 poucas pessoas.

206 A literatura, como uma ferramenta educacional e de construção de um ser humano crítico, abrange uma
207 vasta gama de saberes que se entrelaçam harmoniosamente. Ao ler e analisar obras literárias, os sujeitos são
208 incentivados a questionarem as ideias apresentadas e a desenvolverem habilidades de pensamento crítico, bem
209 como a compreensão de diferentes perspectivas e culturas. Além disso, a literatura pode ser utilizada como uma
210 ferramenta de conscientização e promoção de causas diversas. Uma abordagem educacional com base no incentivo
211 à leitura e ao contato com a literatura contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis,
212 capazes de tomar decisões éticas e empáticas.

213 Nesse sentido, é importante promover a diversidade de vozes e perspectivas na literatura, valorizando a
214 produção de escritores de diferentes gêneros, etnias, classes sociais e culturas. Somente assim será possível romper
215 com os estereótipos e preconceitos que ainda limitam o acesso à literatura e torná-la um recurso democrático e
216 transformador para todas/os. Sendo a palavra "literatura" um substantivo feminino, proponho-me a, apoiada
217 na teoria e crítica literária feminista, suscitar a reflexão sobre o motivo de termos poucas mulheres inseridas no
218 cânone literário.

219 3 a) A literatura como ferramenta para compreender e modi- 220 ficar a sociedade

221 A literatura sempre foi uma forma de expressão artística que tem uma relação intrínseca com a sociedade.
222 Mediante as obras literárias, é possível observar as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais de
223 uma época, assim como as relações humanas e os conflitos que permeiam a vida em sociedade. Em seu texto "A
224 literatura e a vida social", presente no livro *Literatura e sociedade* (2000), o crítico literário Antonio Candido
225 destaca a importância da literatura como um instrumento para compreender a sociedade e as relações humanas. A
226 literatura é capaz de captar e expressar as contradições e tensões presentes na sociedade, dando voz aos excluídos
227 e questionando os valores dominantes. Para Candido, afirmar que a literatura exprime a sociedade é um truísmo.

228 Embora a literatura seja também um produto social, por muito tempo, ela foi criticamente avaliada apenas sob
229 o critério de correspondência com a realidade, fazendo surgir inúmeras análises superficiais que se propunham a
230 entender a arte a partir da descrição possível de uma classe ou grupo social. Por outro lado, outra tendência que

231 também ocorreu, em oposição à anterior, foi uma análise da obra a partir de uma presença ou obrigatoriedade
232 de que ela deve ter uma posição moral ou política. Candido (2000) afirma que ambas as tendências mostram que
233 a arte é social tanto por ser influenciada pelo meio quanto por ter um efeito modificador nele.

234 Hordienamente, a literatura continua a ser influenciada pela vida social e, ao mesmo tempo, a influenciar o
235 meio em que está inserida. As obras literárias refletem as questões contemporâneas, como a desigualdade social,
236 as questões de gênero, as questões étnico-raciais e as transformações tecnológicas.

237 Por outro lado, a literatura também é capaz de influenciar a sociedade e provocar mudanças. Obras literárias
238 podem questionar valores estabelecidos, abrir espaço para novas perspectivas e promover debates importantes
239 sobre temas relevantes para a sociedade. Um exemplo disso são as obras de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora
240 nigeriana, que aborda em seus livros questões relacionadas à identidade cultural, ao feminismo e ao racismo.
241 Seus livros influenciaram o debate público sobre esses temas, gerando reflexões e mudanças na sociedade. Já
242 na literatura brasileira, temos como exemplo uma escritora que produziu uma obra com forte carga de denúncia
243 social, mas muito invisibilizada: Carolina Maria de Jesus.

244 Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira que viveu em São Paulo durante uma época de grandes
245 mudanças sociais e econômicas no Brasil. Ela era uma mulher negra, e sua escrita frequentemente explora temas
246 de grupos étnicos, classe e gênero, bem como a pobreza e a luta pela sobrevivência nas favelas. Seu diário, *Quarto*
247 *de Despejo*: diário de uma favelada, publicado pela primeira vez em 1960, é um retrato vívido da vida na favela
248 e das condições sociais que a atormentavam (DA CONCEIÇÃO SILVA, 2019).

249 Como escritora em situação de pobreza, a obra de Carolina foi fortemente influenciada pela sociedade em que
250 vivia. Sua escrita foi uma resposta à pobreza e à luta pela sobrevivência que ela experimentou na favela. Ao
251 mesmo tempo, sua obra também teve um impacto na sociedade e na literatura brasileira. Seu diário foi uma
252 crítica poderosa às condições sociais e econômicas que existiam no Brasil na década de 1950 e 1960, e ajudou a
253 chamar a atenção para as experiências daquelas/es que viviam na extrema pobreza.

254 A obra de Carolina é um exemplo de literatura que, ao mesmo tempo, é influenciada pela sociedade e tem
255 impacto sobre ela. Sua escrita é uma parte importante da literatura brasileira, e tem sido reconhecida por
256 suas contribuições para o campo. No entanto, seu trabalho nem sempre foi compreendido ou apreciado pelo
257 estabelecimento literário. Um dos desafios para entender a escrita de Carolina é a forma como ela estabelece uma
258 interseção entre as questões de etnia e gênero. Seu trabalho frequentemente explora as experiências de mulheres
259 negras no Brasil e expõe os desafios que elas enfrentaram em termos de autonomia, reconhecimento e ascensão
260 social. No entanto, o cânone literário tradicional tendeu a ignorar as experiências das mulheres negras, e isso
261 tornou difícil para o trabalho de Carolina ser totalmente apreciado (DA CONCEIÇÃO SILVA, 2019).

262 Apesar desses desafios, a obra de Carolina tem sido reconhecida por suas contribuições à literatura brasileira.
263 Seu diário, *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, foi traduzido para vários idiomas e continua a ser lido
264 e estudado hoje. Sua escrita ajudou a chamar a atenção para as experiências daqueles que viviam na pobreza e
265 contribuiu para uma compreensão mais ampla das condições sociais e econômicas que existiam no Brasil durante
266 seu período (DA CONCEIÇÃO SILVA, 2019).

267 É importante ressaltar que a relação entre literatura e sociedade é uma via de mão dupla. A literatura é
268 influenciada pela vida social, mas também é capaz de influenciar a sociedade e provocar mudanças. Por isso, é
269 fundamental valorizar a literatura como uma forma de expressão artística que pode nos ajudar a compreender
270 melhor o mundo em que vivemos e a promover transformações na sociedade.

271 4 b) A trajetória das mulheres na literatura

272 Ao longo das décadas, muitas mulheres se questionaram sobre a presença de antepassadas nas listas de escritoras
273 influentes. Virginia Woolf, em seu artigo *Mulheres e Ficção* (2019), enfatiza que a mais superficial reflexão ou
274 investigação sobre a escrita das mulheres logo elucida uma série de perguntas sobre, como "o que faziam as
275 mulheres que viveram antes de nós?". Sempre falamos sobre os homens, mas quase nunca a História se detém
276 nos feitos de mulheres: [...] De nossos pais sempre sabemos alguma coisa, um fato, uma distinção. Eles foram
277 soldados ou foram marinheiros; ocuparam tal cargo ou fizeram tal lei. Mas de nossas mães, de nossas avós, de
278 nossas bisavós, o que resta? Nada além de uma tradição. Uma era linda; outra era ruiva; uma terceira foi beijada
279 pela rainha. Nada sabemos sobre elas, a não ser seus nomes, as datas de seus casamentos e o número de filhos
280 que tiveram (WOOLF, 2019, p. 10).

281 As mulheres que emergiram como produtoras de literatura no final do século XVIII e início do século XIX
282 desafiam as normas sociais e culturais da época, elevando suas vozes por meio de palavras escritas. Autoras como
283 Jane Austen, Mary Shelley e George Sand foram algumas das figuras proeminentes desse período, explorando
284 temas como o amor, o casamento, a desigualdade de gênero, a crítica social e a liberdade individual. Suas obras
285 trouxeram à tona questões profundas e cativantes, deixando um legado duradouro na história da literatura e
286 inspirando gerações futuras.

287 No contexto brasileiro, o final do século XVIII e o início do século XIX também testemunharam o surgimento de
288 importantes vozes femininas na literatura. Destacam-se autoras como Maria Firmina dos Reis, pioneira na escrita
289 abolicionista e autora do romance *Úrsula*, de 1859, considerado o primeiro romance brasileiro escrito por uma
290 mulher; e Ana Maria de Jesus Ribeiro, conhecida como Anita Garibaldi, que escreveu cartas e diários retratando
291 suas experiências durante os conflitos da Revolução Farroupilha. Outra figura significativa é Nísia Floresta,
292 pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, autora de obras como *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*,

4 B) A TRAJETÓRIA DAS MULHERES NA LITERATURA

293 do ano 1832, em que aborda questões de gênero e defende a igualdade entre homens e mulheres. Essas escritoras
294 brasileiras pioneiras contribuíram para a ampliação do panorama literário do país, abordando temáticas como a
295 escravidão, a emancipação feminina, os direitos humanos e as lutas sociais, deixando um importante legado na
296 história da literatura brasileira.

297 O artigo *A mulher escritora e o feminismo no Brasil*, de Lygia Fagundes Telles, aborda a evolução do feminismo
298 no Brasil e a contribuição das mulheres escritoras para a causa.

299 A literatura feminina tem ... uma fisionomia própria ... decorrente da situação da mulher, das suas raízes
300 históricas ... a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira
301 mais do que as outras mulheres do mundo ... [Q]uando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por
302 exemplo, das cartas, as correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa,
303 vivendo a vida das senhoras das fazendas, da senhora da casa-grande ... viviam aprisionadas, não sabiam ler,
304 não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma. Elas ... viviam numa servidão mais terrível do que
305 as mulheres dos outros países, inclusive da Europa.

306 Telles (1997) destaca a importância de reconhecer a literatura feminina como um espaço de expressão singular,
307 moldada pela condição histórica e social das mulheres. Ela aponta para a realidade de que as mulheres brasileiras,
308 ao longo da história, enfrentaram desafios e limitações específicas em termos de acesso à educação, comunicação
309 e participação pública. Essa restrição resultou em uma experiência de servidão que diferia das mulheres de
310 outros países, inclusive da Europa, que já se engajavam em formas de comunicação escrita, como cartas e
311 correspondências. Essa reflexão amplia nossa compreensão das particularidades da literatura feminina brasileira
312 e ressalta a importância de valorizar e amplificar as vozes dessas escritoras, que resistiram e transcendem as
313 adversidades históricas.

314 A ficção feita por mulheres tem suas características próprias, é mais intimista, mais confessional: a mulher está
315 podendo se revelar, se buscar e se definir, o que faz escolher um estilo de mergulhos em si mesma, aparentemente
316 narcisista porque precisa falar a si própria, deslumbrada às vezes com as suas descobertas, como se acabasse de
317 nascer. [Uma personagem minha uma vez disse]: "Antes eram os homens que diziam como nós éramos. Agora
318 somos nós" (TELLES, 1997, p.57).

319 Ao analisar literatura de maneira diacrônica, é possível perceber momentos históricos e contextos específicos
320 em que se identifica a presença da produção literária feminina. Virginia Woolf enfatiza que para compreender o
321 sucesso ou fracasso da mulher escritora ao longo do tempo, é necessário se debruçar sobre o estudo das condições
322 da mulher comum de cada época. É necessário se questionar: na época de Shakespeare, o que as mulheres
323 comuns estavam fazendo, estudando, produzindo? Estranhos intervalos de silêncio parecem separar um período
324 de atividade de outro. Numa ilha grega, houve Safo e um pequeno grupo de mulheres, todas escrevendo poesia
325 seiscentos anos antes do nascimento de Cristo. Mas as mulheres se calaram. Tempos depois, por volta do ano
326 1000, vamos encontrar no Japão certa dama da corte, Shikibu Murasaki, que escreveu um romance imenso e belo.
327 Mas na Inglaterra do século XVI, quando a atividade dos dramaturgos e poetas estava no auge, as mulheres
328 ficaram mudas. A literatura elisabetana é exclusivamente masculina. Já no fim do século XVIII e no começo
329 do XIX, voltamos a encontrar mulheres que escreviam -dessa vez na Inglaterra -com extraordinária frequência e
330 sucesso (WOOLF, 2019, p. 10 -11).

331 É necessário entender que os costumes e regras sociais influenciaram muito a produção artística feminina, bem
332 como o protagonismo das mulheres em diversas outras esferas. Contudo, devemos problematizar: em milênios,
333 apenas algumas mulheres escreveram? O que privava as mulheres do interesse à literatura? O que fez com que
334 poucas das mulheres que se dedicaram à literatura sobrevivessem ao apagamento patriarcal?

335 Em uma sociedade neoliberal, a literatura, assim como outras formas de arte, é um item de consumo;
336 portanto, confere status e poder e não é acessível a todas/os. Porém, o capitalismo é um dos braços mais
337 fortes do patriarcado. Por isso, a limitação das mulheres ao espaço intelectual precede até mesmo à organização
338 político-social do capitalismo nas sociedades contemporâneas. Por séculos, a leitura e escrita foram maneiras de
339 demonstrar poder, sendo limitada aos homens brancos. Na obra de 1792, intitulada *Reivindicação dos direitos da*
340 *mulher*, a escritora e filósofa Mary Wollstonecraft já evidenciava a necessidade de acesso das mulheres à educação
341 formal:

342 [...] O entendimento do sexo feminino tem sido tão distorcido por essa homenagem ilusória que as mulheres
343 civilizadas de nosso século, com raras exceções, anseiam apenas inspirar amor, quando deveriam nutrir uma
344 ambição mais nobre e exigir respeito por suas capacidades e virtudes (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 25).

345 Enquanto no século XVIII pensadoras já questionavam a privação das mulheres à educação, no início do
346 século XIX isso ainda era ratificado no Brasil por intermédio de leis imperiais. A primeira lei regulamentadora da
347 educação brasileira data de 1827 1 1 A primeira legislação autorizando a abertura de escolas públicas femininas
348 data de 1827, assegurando os estudos elementares. Durante muito tempo o acesso à educação básica foi negado
349 às meninas. A partir da Lei Geral, promulgada em 15/10/1827, as mulheres foram autorizadas a ingressar nos
350 colégios. Mesmo assim, e determinava currículos distintos para meninos e meninas. Enquanto os meninos tinham
351 aulas de matemática, as meninas estudavam apenas as quatro operações básicas, pois havia a compreensão de
352 que esse conhecimento era suficiente para suas atividades e demandas domésticas.

353 As escolas destinadas às meninas no passado eram caracterizadas por uma ênfase intensa e repetida no
354 treinamento de habilidades manuais, visando à formação de jovens "prendadas" capazes de executar trabalhos
355 tidos como delicados e complexos, como costura.

356 Essas escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas
357 produzindo jovens 'prendadas', capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha e de pintura. As
358 marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos. Por vezes se fazia de formas tão densas
359 e particulares que permitia -a partir de mínimos traços, de pequeninos indícios, de um jeito de andar ou falar
360 -dizer, quase com segurança, que determinada jovem foi normalista, que um rapaz cursou o colégio militar ou
361 que um outro estudou num seminário. [...] No entanto, hoje, outras regras, teorias e conselhos (científicos,
362 ergométricos, psicológicos) são produzidos em adequação às novas condições, aos novos instrumentos e práticas
363 educativas (LOURO, 2014, p.66).

364 A insegurança intelectual das mulheres é um projeto patriarcal. Começou com a privação de garotas nas salas
365 de aula e está presente até hoje na sociedade. Colette Dowling, no livro *Complexo de sabotagem* (2000), aborda
366 que, a despeito da mudança gradativa de papéis sociais notada no final do século XX, havia um alto número
367 de garotas em idade escolar que vivenciavam baixa autoestima, dúvidas sobre si mesmas e descrença em seu
368 potencial criativo e intelectual. Enquanto os meninos consideram seus melhores talentos características das quais
369 gostam em si mesmos, as meninas -quando gostam de algo afirmam ter apreço por sua própria aparência.

370 Virginia Woolf (2014), em seu livro *Um teto todo seu*, já sinalizava o desconforto de, mesmo sendo uma
371 acadêmica, só poder entrar na biblioteca se acompanhada por um estudante da universidade ou com uma carta
372 de apresentação. Tal situação que a revoltou ocorreu em um tempo "mais flexível", em que as mulheres já se
373 admitiam como estudantes desses espaços.

374 Além de proibidas de estudar, por muito tempo, as mulheres foram privadas de ter seu próprio dinheiro. Além
375 da privação do desenvolvimento intelectual, as mulheres também foram mantidas na pouca maioria que tiveram
376 acesso a uma educação diferenciada; e foram aquelas primeiras e poucas que tomaram a iniciativa e abrir escolas,
377 publicar livros, enfrentando a sociedade que imperava com a ideia de que a mulher não precisava saber ler e
378 nem escrever. pobreza deliberadamente. Impossibilitadas de criar seus próprios negócios e gerir seus bens, as
379 mulheres ficaram por séculos dependentes financeiramente de seus maridos. Como poderiam se dedicar à escrita
380 ou aos estudos sem ter dinheiro para se sustentar? Sobre isso, Woolf (2014, p. 37) afirma: [...] é igualmente
381 inútil se perguntar o que teria acontecido se a senhora Seton, sua mãe e sua avó tivessem acumulado grande
382 riqueza e a houvessem depositado nas fundações de uma faculdade e uma biblioteca, porque, em primeiro lugar,
383 ganhar dinheiro era impossível para elas, e, em segundo, se isso tivesse sido possível, a lei lhes negaria o direito
384 de possuir o dinheiro ganho.

385 Para Woolf (2014), na literatura, as mulheres são o farol que guiam a produção dos homens desde o princípio
386 dos tempos. As personagens femininas nas obras criadas por homens são plurais, heroicas, esplêndidas, entretanto,
387 na vida real, elas eram privadas de tudo e violadas.

388 [...] Ela permeia a poesia de capa a capa; está sempre presente na história. Domina a vida de reis e
389 conquistadores na ficção; na vida real, era a escrava de qualquer garoto cujos pais lhe enfiassem um anel no
390 dedo. Algumas das palavras mais inspiradas, alguns dos pensamentos mais profundos da literatura vieram de
391 seus lábios; na vida real, ela pouco conseguia ler, mal conseguia soletrar e era propriedade do marido (WOOLF,
392 2014, p. 66-67).

393 Em "A mulher escrita" (1989), Lúcia Castello Branco e Ruth Silviano Brandão abordam a relação entre as
394 mulheres e a escrita, explorando a presença feminina na literatura. As autoras analisam como as mulheres têm se
395 posicionado no campo literário ao longo da história, enfrentando desafios e estereótipos de gênero, e examinam
396 as vozes femininas na escrita contemporânea, buscando compreender a sua expressão literária única e a sua
397 contribuição para a literatura. O livro oferece uma reflexão profunda e significativa sobre a representação das
398 mulheres como escritoras e a importância de suas vozes na construção da literatura.

399 A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é
400 sua réplica fiel, com muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula,
401 neste espaço privilegiado que a ficção torna possível.

402 Como produção feita na linguagem feita na linguagem, o texto literário é sempre confusão de vozes, Babel
403 de desejos, fascinante equívoco, lido como realidade. Possibilidade de construção de objetos de desejos, sempre
404 impossíveis, pois o desejo não tem porto definitivo; o texto é o lugar onde estes objetos se corporificam na
405 materialidade dos significantes.

406 É como se os delírios e todos os sonhos, que encenam o desejo de plenitude, nele se alucinassem, tornando-se
407 visíveis e audíveis, pela potencialidade das palavras que ressoam, ecoam, em sua musicalidade poética.

408 Neste espaço, nasce a heroína literária, romântica, sempre pronta a ser o desejo de seu herói. E neste espelho
409 do texto, espelho narcísico, emerge uma certa miragem da mulher: aquela tão conhecida nas produções e
410 subproduções literárias. Enquanto perfeição realizada na beleza corporal ou numa pretendida virtude que a
411 esculpe como amada, esposa e mãe, a mulher se torna heroína literária (BRANCO; BRANDÃO, 1989, p.17-18).

412 As histórias que contamos e os personagens que criamos têm um grande impacto em como vemos o mundo e em
413 como os outros nos veem. As mulheres precisam ser capazes de contar suas próprias histórias e criar personagens
414 complexos e multifacetados que reflitam a diversidade da experiência feminina. Além disso, a literatura é uma
415 forma de poder e influência. Os escritores têm a capacidade de moldar a opinião pública e influenciar a cultura.
416 Ao se apropriarem dos espaços literários, as mulheres podem ter um impacto significativo na sociedade e na
417 forma como as mulheres são vistas e tratadas. É importante lembrar que o empoderamento feminino não é
418 apenas sobre dar espaço para as mulheres na sociedade, mas também sobre encorajá-las desde meninas a serem

6 [...] AS MULHERES TÊM SERVIDO HÁ SÉCULOS COMO ESPELHOS, COM PODERES MÁGICOS E DELICIOSOS DE REFLETIR A FIGURA DO HOMEM COM O DOBRO DO TAMANHO NATURAL (WOOLF, 2014, P. 54).

419 o que quiserem, a ter autoestima em diversos aspectos de suas vidas e repassar esse suporte a outras mulheres
420 que podem precisar, por isso a escola é espaço primordial dessa movimentação.

421 5 III. Cânone: Substantivo Masculino

422 6 [...] As mulheres têm servido há séculos como espelhos, com 423 poderes mágicos e deliciosos de refletir a figura do homem 424 com o dobro do tamanho natural (WOOLF, 2014, p. 54).

425 A palavra cânone é um substantivo masculino. E há muita simbologia nisso. Um dos elementos mais importantes
426 no estudo da história da literatura é o cânone. Esse é o conjunto de autores e obras reconhecidas pela academia,
427 seguindo critérios e parâmetros nacionalistas e religiosos (BONNICI, 2003).

428 O cânone literário pode ser abordado de forma analítica sob várias circunstâncias, sobretudo de gênero. A
429 história da literatura conta com a crítica literária e a teoria literária para direcionar os parâmetros de formação
430 do cânone (BONNICI, 2003).

431 Os manuais de História da Literatura normalmente dedicam poucos parágrafos a escritoras. Zahidé Lupinacci
432 Muzart (1995, p. 85) afirma que a universidade brasileira é "mestra em perpetuar a mesmice" quando analisamos
433 o cânone defendido aqui. Enquanto o nome feminino mais citado nos manuais é Clarice Lispector, há diversas
434 autoras negligenciadas pelos críticos literários -que são majoritariamente homens -no Brasil. Isso é reflexo do que
435 é posto em outros lugares do mundo.

436 Em O Cânone Ocidental, por exemplo, Harold Bloom se limita a citar apenas três escritoras: Jane
437 Austen, Emily Dickson e Virgínia Woolf, desconsiderando quaisquer outras escritoras posteriores e sem muito
438 aprofundamento nas considerações a essas. Para Bloom (1995, p. 47), "sem o cânone deixamos de pensar.
439 Pode-se idealizar interminavelmente a substituição de padrões estéticos por considerações etnocêntricas e de
440 gênero sexual, e as metas sociais podem ser de fato admiráveis. Mas só a força pode juntar-se à força [...]". Tal
441 pensamento fechado nessa concepção ratifica a lista inflexível de autores e, sobretudo, autoras que compõem a
442 alta literatura atualmente.

443 Evidentemente isso influencia em como as escritoras são apontadas ao longo do currículo escolar no Ensino
444 Médio, momento escolar em que se constrói um referencial literário mais sólido.

445 Uma das principais problemáticas da valorização da produção literária feminina é o fato de não termos
446 informações consistentes de escritoras que viveram fases anteriores à contemporaneidade. O Cânone Ocidental,
447 de Harold Bloom, é uma amostra disso. As poucas autoras citadas são relativamente recentes. Entender esse
448 apagamento é crucial para a História das Mulheres e para a História da Literatura. O estudo do cânone se
449 relaciona ao que é dominante em dada época (MUZART, 1995). Sendo assim, podemos facilmente compreender
450 o porquê de existir tão poucas mulheres o compando, afinal, quando dominamos?

451 A arte europeia é influência estruturante da literatura brasileira. Na educação no Brasil do século XIX, havia
452 a influência da burguesia europeia, sobretudo francesa. Desde essa época, a exclusão das mulheres pelo sistema
453 educacional brasileiro foi imensa. No final do século XIX, quase todas as mulheres brasileiras eram analfabetas
454 (GOMES, 2003).

455 Muzart (1995, p. 88) questiona: como as mulheres do movimento parnasiano, por exemplo, podem criar uma
456 poesia erudita tendo uma carência na sua erudição, na sua formação intelectual? Melissa Carvalho Gomes (2003,
457 p. 04) reitera que "através de políticas patriarcais do saber, formou-se e institucionalizou-se a literatura como
458 um campo de homens letrados."

459 Um dos principais veículos de emancipação e divulgação dos textos femininos foi a imprensa. As mulheres
460 ganharam espaço nas revistas e jornais católicos, visto que havia a dificuldade de ampliar os trabalhos escritos
461 por mulheres graças à crítica literária e ao cânone masculino e patriarcal. Com isso, a escrita torna-se uma
462 alternativa à liberdade da mulher (GOMES, 2013).

463 A literatura de autoria feminina possui características próprias e apresentam temáticas herdadas de gerações
464 passadas, contudo, ainda atuais. Para Muzart (1995), a canonização de algumas escritoras se justifica pelo que ela
465 nomeia de "mesmice", ou facilidade, que consiste em sempre estudar e evidenciar autoras já consagradas, não
466 longo do tempo, as mulheres se submeteram aos cânones masculinos para fazerem parte dos movimentos, mas, não
467 sendo reconhecidas, permaneceram sendo apagadas da história. A cultura erudita ignorou até o final do século
468 XX a literatura escrita por mulheres, por negros e a literatura escrita para crianças. Há décadas, o interesse
469 acadêmico em pesquisar sobre essas obras era taxado de modismo, apesar do objetivo válido de evidenciar a
470 diversidade literária (COELHO, 1991).

471 Foi apenas a partir da década de 1970 que houve o crescimento da literatura infantil, bem como da produção
472 literária de temática homoerótica, e literatura LGBTQIAP+, produção e crítica literária negra e a redescoberta
473 da literatura indígena, conforme disserta Nely Novaes Coelho (1991). Nesse período, a literatura feminina também
474 se impôs. Coelho (1991) afirma que valor literário não possui gênero, dessa forma a atenção que a literatura
475 feminina demanda da crítica literária não é judicativa.

476 O sistema cultural e social estabelecem claras distinções entre o ser homem e o ser mulher, portanto, há algumas
477 peculiaridades que podem ser identificadas na criação literária de um ou de outro. Contudo, essa diferenciação
478 não pode ser definida nem decidida apenas com base em aspectos biológicos (COELHO, 1991).

479 A crítica literária brasileira é recente, desenvolvida após a independência do país e em um contexto onde havia
480 um pequeno público leitor, bem como a ausência de universidades e cursos dedicados à literatura (GOMES,
481 2003).

482 Na literatura majoritariamente machista, as poucas mulheres prestigiadas são as que reafirmam os ditames da
483 cultura patriarcal, ratificando a figura de mulher sensível. Ao ler a vasta obra de Zahidé L. Muzart -cujo trabalho
484 de crítica literária eu somente pude contemplar quando dei início a esta pesquisavemos que nomes como Alfredo
485 Bosi e Antonio Candido, tão exaltados na academia, não apresentam um panorama mais amplo de escritoras.

486 Antonio Candido, na primeira edição de Formação da Literatura Brasileira, não cita escritora alguma. Mais
487 recentemente, em História Concisa da Literatura Brasileira, de 1994, Bosi elenca apenas quatro autoras: Francisca
488 Júlia, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector. Uma pífia análise quando a comparamos com a
489 vasta pesquisa de Zahidé L.

490 Muzart, que elenca mais de cem escritoras em sua antologia Escritoras brasileiras do século XIX.

491 Um grande exemplo de como escritoras mulheres foram excluídas e apagadas da história é Júlia Lopes de
492 Almeida . Ela foi uma escritora, cronista, teatróloga e abolicionista brasileira, além de uma das idealizadoras
493 da Academia Brasileira de Letras (ABL). Seu nome constava na primeira lista dos 40 imortais que fundariam a
494 entidade, elaborada por Lúcio de Mendonça, contudo, na ata oficial da primeira reunião da ABL, seu nome foi
495 excluído (FANINI, 2009). Os fundadores optaram por manter a Academia exclusivamente masculina, da mesma
496 forma que a Academia Francesa, que lhes servia de modelo. No lugar de Júlia Lopes, entrou justamente o seu
497 marido, Filinto de Almeida, que chegou a ser chamado de "acadêmico consorte". A exclusão de Júlia Lopes de
498 Almeida da ABL, no entanto, não impediu que ela continuasse a produzir obras importantes para a literatura
499 brasileira, de literatura infantil a romances, crônicas, peças de teatro e matérias jornalísticas (FANINI, 2009).

500 A escritora, professora e compositora Maria Firmina dos Reis (1822-1917), também é um exemplo desse
501 apagamento histórico. Embora seja considerada a primeira romancista e a primeira escritora negra do país, Maria
502 Firmina foi deixada de fora do cânone literário desde a publicação de Úrsula. A obra é precursora da temática
503 abolicionista na literatura do país, no entanto não carregou o nome da autora em sua primeira publicação.
504 Maria Firmina publicou inicialmente o livro sob o pseudônimo de "Uma Maranhense". A autora humanizava os
505 personagens escravizados em suas histórias, algo incomum na literatura até então produzida por homens brancos
506 de classes sociais altas, e, a despeito de ter sido uma figura importante na denúncia das opressões sofridas por
507 negros e mulheres no Brasil do século XIX, sua obra teve uma circulação limitada, o que revela que fatores como
508 classe social, gênero e etnia do escritor também participam da definição do cânone literário (MUZART, 2013).

509 A urgente necessidade de reconhecer os nomes femininos da produção literária desemboca em uma inevitável
510 atualização do cânone, ressignificando seu valor e sua tradição. Para além de uma mudança historiográfica oficial,
511 essa é uma mudança também na forma como a História das Mulheres será contada a partir de então. Inúmeras
512 escritoras do século XIX foram esquecidas. A mulher desse século entrou para a História da Literatura ocupando
513 apenas a categoria de objeto, sendo descritas e imortalizadas a partir do olhar masculino. E segundo Muzart
514 (1995, p. 06), "[...] é importante, para reverter o cânone, mostrar o que aconteceu, quando o objeto começou a
515 falar".

516 Para tanto, se faz necessário mais do que reaver as histórias das diversas escritoras brasileiras. É importante
517 também trazer seus textos para a leitura ampla, crítica, discussão e comparação.

518 Quando se fala das escritoras do século XIX, observa-se um desconhecimento muito grande. Quando iniciamos
519 esses estudos, fomos também nos surpreendendo a cada novo encontro, a cada descoberta. Pois, são numerosas
520 as escritoras brasileiras no século XIX; escreveram muito e abordaram todos os gêneros: das cartas e diários,
521 dos álbuns e cadernos, aos romances, poemas, crônicas e contos, dramas e comédias, teatro de revista, operetas,
522 ensaios e crítica literária. Perto da produção masculina, podemos dizer que as mulheres pouco publicaram.
523 Contudo, não pouco escreveram (MUZART, 1995. p. 06).

524 Rever o cânone não é trocar os autores consagrados pelos negligenciados e esquecidos, tampouco é uma medida
525 assistencialista. Mas possibilita a inserção de escritoras que estiveram por muito tempo à margem na historiografia
526 literária.

527 **7 a) A valorização da produção literária feminina por intermê-** 528 **dio da crítica feminista**

529 A falta de representatividade das mulheres na crítica literária e na academia pode influenciar a seleção de
530 obras e autores para o cânone literário de várias maneiras. A construção do cânone literário é baseada em
531 critérios subjetivos, como a opinião de críticos literários e a recepção das obras pelo público, que muitas vezes
532 são influenciados por preconceitos de gênero. A falta de representatividade das mulheres na crítica literária pode
533 levar a uma visão limitada e enviesada das obras escritas por mulheres, o que pode levar a uma sub-representação
534 dessas obras no cânone literário. Além disso, a falta de representatividade das mulheres na academia pode levar
535 a uma falta de pesquisa e estudos sobre as obras escritas por mulheres, o que pode levar a uma subvalorização
536 dessas obras no cânone literário. Constância Lima Duarte destaca em Literatura feminina e crítica literária (1990)
537 que a inclusão do tema "Mulher e Literatura" em encontros e congressos que falavam sobre estudos literários era
538 recente.

8 VÁRIAS SÃO AS DÚVIDAS QUE PODERÍAMOS LEVANTAR COM RELAÇÃO AO TEMA MULHER NA LITERATURA OU MULHER E CRÍTICA

539 8 Várias são as dúvidas que poderíamos levantar com relação 540 ao tema Mulher na Literatura ou Mulher e Crítica

541 Literária, e poucas encontrariam respostas nos trabalhos existentes. Por exemplo: quais foram nossas primeiras
542 escritoras? Que livros escreveram e sobre o quê? Não sofreram nenhuma espécie de dificuldade devido a sua
543 condição feminina? E a representação da mulher enquanto personagem, sobre que estereótipos foi montada? Por
544 quê? Se passamos os olhos nas antologias mais clássicas de nossa literatura e não vemos escritoras, isto apenas
545 significa que elas nunca existiram? Se existiram algumas, sua produção foi sempre inferior à dos escritores
546 contemporâneos para justificar sua não inclusão nessas antologias e maioria dos manuais de literatura? E
547 finalmente, existiria uma "literatura feminina"? (DUARTE, 1990, p. 16).

548 A própria história da literatura foi escrita por homens, o que levou a uma seleção enviesada de autores e obras
549 que perpetuou a exclusão de mulheres. Isso significa que muitas obras escritas por mulheres foram ignoradas
550 ou desvalorizadas ao longo da história, o que pode ter levado a uma sub-representação dessas obras no cânone
551 literário. A falta de representatividade das mulheres na crítica literária e na academia pode ter contribuído
552 para essa exclusão histórica, já que essas instituições têm um papel importante na seleção e valorização das obras
553 literárias. Para reverter essa situação, é necessário promover a representatividade das mulheres na crítica literária
554 e na academia, dando espaço e voz a essas perspectivas. Isso pode ser feito de várias maneiras, como incentivando
555 a formação de redes de apoio e mentoria para mulheres que desejam se tornar críticas literárias ou professoras de
556 literatura, criando programas de estudos e pesquisas que se concentrem em obras escritas por mulheres e outras
557 minorias, e incentivando a publicação e divulgação dessas obras. Além disso, é importante promover a diversidade
558 literária em geral, valorizando obras escritas por mulheres e outras minorias e reconhecendo sua importância e
559 contribuição para a literatura e para a sociedade como um todo. Sobre a necessidade de estudos e debates que
560 deem conta da literatura de autoria feminina, Duarte (1990, p. 16) salienta:

561 No momento em que as mulheres ampliam significativamente sua participação na literatura e nas artes em geral,
562 impõe-se mais que nunca a formulação de uma estética de cunho feminista para dar conta das transformações
563 aí ocorridas. Essa teorização já vem sendo feita com contribuição de vários países, por especialistas das mais
564 diversas artes.

565 A representatividade das mulheres na crítica literária e na academia pode afetar a produção literária atual de
566 várias maneiras. Ela pode ser entendida como um gesto ou uma ação que resulte em protesto contra a opressão
567 e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos. Quando as mulheres
568 têm uma representatividade maior na crítica literária e na academia, há uma maior probabilidade de que suas
569 vozes e perspectivas sejam ouvidas e valorizadas. Isso pode levar a uma maior diversidade de temas, estilos e
570 perspectivas na literatura, bem como a uma maior inclusão de obras escritas por mulheres e outras minorias no
571 cânone literário (DUARTE, 2003).

572 Segundo Duarte (1990, p. 18), é evidente que a reconstituição da identidade feminina é árdua, principalmente
573 sabendo que, em linhas gerais, a mulher passou séculos [...] ausente como sujeito da história, reduzida a uma
574 inferioridade calcada na sua constituição biológica, à mercê de ideologias que a colocavam como um segundo sexo
575 e da indústria cultural masculina que se encarregou da construção e quase cristalização das imagens do feminino.

576 A produção literária feminina é recente, principalmente porque as mulheres passaram muito tempo recolhidas
577 no ambiente privado, tolhidas de acesso à educação ou à vida social.

578 [...] Se conhecemos um pouco desta história não podemos nos admirar da ausência de uma literatura feminina
579 nesta época. A surpresa fica mais por conta das que, apesar de tudo e todos, superaram os obstáculos e
580 desafiaram a ordem patriarcal que as restringia à esfera privada, publicando textos ainda que anonimamente
581 ou sob pseudônimos masculinos, como estratégia de contornar os preconceitos sexistas no campo da recepção e
582 da crítica literária (DUARTE, 1990, p. 19).

583 Sendo a produção literária feminina tenra, os estudos dessa literatura também são. Duarte (1990, Duarte
584 (1990) analisa que se atribuía às mulheres escritoras o rótulo de inferioridade. Ela também reflete que a crítica
585 literária voltada a textos femininos era tão inédita que ainda trazia um véu de constrangimento por parte dos
586 críticos. No que concerne aos temas e gêneros literários, os críticos citados por Duarte (1990) apontam como
587 mais adequados às mulheres os romances sentimentais e de abordagem psicológica. Quando uma obra escrita
588 por uma mulher era boa a ponto de ser elogiada, entretanto, era comparada com os escritos de autores homens
589 considerados bons poetas.

590 Nesse contexto, o surgimento da crítica literária feminista foi muito importante para a valorização da escrita
591 feita por mulheres. O artigo "Crítica literária feminista: revisitando as origens", de Anselmo Peres Alós e Bárbara
592 Loureiro Andreta (2017), tem como intuito visitar as origens da crítica literária feminista. Para tanto, retoma
593 as três ondas do feminismo e recupera os principais conceitos que embasaram o pensamento feminista em cada
594 momento histórico, bem como as principais mulheres que ocuparam grande importância para o imaginário do
595 movimento feminista. A primeira onda do feminismo, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX,
596 teve como objetivo a luta pelo direito ao voto e à educação. As principais representantes desse movimento foram
597 as sufragistas, que reivindicavam a igualdade de direitos políticos e civis entre homens e mulheres (ALÓS;
598 ANDRETA, 2017).

599 A segunda onda do feminismo surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, e teve como objetivo a luta
600 pela igualdade de direitos entre homens e mulheres em todas as esferas da vida, incluindo o mercado de trabalho

601 e a vida privada. Nesse período, as feministas se concentraram em questões como a violência doméstica, a
602 discriminação salarial e a representação das mulheres nos meios de comunicação. A terceira onda do feminismo
603 surgiu nos anos 1990 e se concentrou em questões como a diversidade e a diferença, dando ênfase às experiências
604 das mulheres que não se encaixavam nos moldes tradicionais de feminilidade e masculinidade. Nesse período, a
605 crítica literária feminista se tornou mais inclusiva e diversificada, abarcando temas como a sexualidade, o grupo
606 étnico e a classe social (ALÁ?S; ANDRETA, 2017).

607 Uma das primeiras coisas a se destacar sobre a crítica literária feminista é que ela não configura um corpo
608 homogêneo de conceitos e estratégias de leitura, mas sim um amplo conjunto de variadas proposições temáticas,
609 ideológicas e metodológicas a serem aplicadas ao estudo da Literatura. Outra questão importante, que não se
610 pode perder de vista, é que um dos postulados básicos das diferentes vertentes da crítica literária feminista é
611 a impossibilidade de se pensar o texto literário desvinculado do seu contexto de leitura e produção, bem como
612 do contexto onde se realiza a sua leitura. A crítica literária feminista se faz interdisciplinar por definição, uma
613 vez que ela não admite a leitura do texto em um modo desvinculado de sua exterioridade e de sua historicidade
614 (ALÁ?S; ANDRETA, 2017, p. 20).

615 Isso significa que a crítica literária feminista busca entender o texto literário como um produto cultural que
616 reflete e refrata as relações de poder presentes na sociedade em que foi produzido. De acordo com Alós e Andreta
617 (2017), a crítica literária feminista tem como escopo analisar como as questões de gênero são representadas
618 na literatura e como as mulheres são retratadas pelos escritores. Ela busca desvelar as estruturas patriarcais
619 presentes na literatura e mostrar como elas afetam a representação das mulheres e das minorias.

620 Os estudos feministas desenvolveram uma infinidade de maneiras para descompactar a literatura e analisá-la
621 sob a lente do feminismo. Para isso, optaram por focar suas análises críticas em elementos literários (enredo,
622 personagens etc.) e identificar a ocorrência da misoginia implícita na estrutura das histórias em si. Outras escolas,
623 tais como a ginocrítica, utilizam abordagens historicistas na crítica literária, analisando como obras femininas
624 exemplares retratam as estruturas de gênero. Uma das abordagens mais utilizadas pela crítica literária feminista
625 é a teoria do feminismo de gênero, que entende que o gênero é uma construção social e cultural, e não uma
626 característica biológica. Essa teoria busca analisar como as diferenças de gênero são construídas e como elas
627 afetam as relações de poder entre homens e mulheres.

628 De acordo com Coelho (1991), a crítica literária feminista tem como objetivo examinar a literatura a partir
629 de uma perspectiva feminista, buscando identificar e criticar preconceitos e estereótipos de gênero presentes nas
630 obras literárias e na cultura em geral. Isso pode levar a uma maior conscientização e sensibilização em relação às
631 questões de gênero na literatura e na sociedade como um todo, o que pode levar a uma produção literária mais
632 inclusiva e diversa. Além disso, a representatividade das mulheres na crítica literária e na academia pode levar
633 a uma maior valorização e reconhecimento de obras escritas por mulheres e outras minorias, incentivando sua
634 produção e divulgação.

635 [...] uma crítica literária de perspectiva feminista, apoiada em postulados como o da "participação consciente"
636 e preocupada em encaminhar sua argumentação na defesa dos interesses da mulher, pretende a abolição
637 dos estereótipos sexuais socioculturais, alguns considerados "naturais e imutáveis", bem como denunciar os
638 preconceitos existentes num texto e apreender as imagens e símbolos associados ao signo mulher ??DUARTE,
639 1990, p. 20).

640 Ter uma leitura crítica e feminista das obras literárias permite uma análise mais profunda das representações
641 de gênero e das hierarquias sociais presentes na literatura. Uma leitura crítica e feminista ajuda a identificar e
642 questionar estereótipos sexistas e padrões de discriminação, além de permitir uma análise mais ampla do impacto
643 da literatura na sociedade. Além disso, uma leitura crítica e feminista pode muitas vezes revelar informações
644 importantes e perspectivas subalternas que foram negligenciadas pela narrativa dominante. Para ??uarte (1990,
645 p. 21):

646 [...] O trabalho de resgate das escritoras antigas que começa a ser feito, não deve pretender apenas se constituir
647 num arrolamento das "esquecidas", mas sim permitir o conhecimento das tradições literárias das mulheres, o
648 percurso, as dificuldades e mesmo as estratégias utilizadas para romper o confinamento cultural em que se
649 encontravam.

650 Existem várias maneiras pelas quais a crítica literária pode promover e divulgar a literatura escrita por
651 mulheres. Uma iniciativa importante é incentivar a leitura e o debate de obras escritas por mulheres, seja por
652 meio de clubes de leitura, eventos ou programas escolares que incluam uma variedade de autoras e perspectivas.
653 Um exemplo claro disso foi o movimento "Leia Mulheres" que surgiu a partir da campanha na internet com a
654 hashtag #ReadWomen2014, criada pela escritora e ilustradora inglesa Joanna Walsh.

655 A crítica literária pode contribuir para a promoção da literatura escrita por mulheres, valorizando e destacando
656 obras e autoras importantes. De acordo com Mello (2020), a crítica literária feminista tem um papel importante
657 na promoção e valorização da literatura escrita por mulheres, buscando identificar e criticar preconceitos e
658 estereótipos de gênero presentes nas obras literárias e na cultura em geral. Ela pode contribuir para a
659 conscientização e sensibilização em relação às questões de gênero na literatura e na sociedade como um todo,
660 incentivando a valorização e o reconhecimento de obras escritas por mulheres.

661 Além disso, o espaço acadêmico pode promover e divulgar a literatura escrita por mulheres por meio de
662 programas de estudos e pesquisas que se concentrem em obras escritas por mulheres e outras minorias. A
663 inclusão de obras escritas por mulheres nos programas de estudos literários pode favorecer a formação de leitores

8 VÁRIAS SÃO AS DÚVIDAS QUE PODERÍAMOS LEVANTAR COM RELAÇÃO AO TEMA MULHER NA LITERATURA OU MULHER E CRÍTICA

664 críticos e conscientes, capazes de compreender a complexidade e a diversidade do mundo em que vivemos. A
665 universidade deve ser local de incentivo à pesquisa e ao estudo de obras escritas por mulheres, promovendo a
666 valorização e o reconhecimento dessas obras.

667 É importante destacar que a promoção e a divulgação da literatura escrita por mulheres na crítica literária e
668 na universidade devem ser acompanhadas de ações concretas para aumentar a representatividade feminina nessas
669 áreas. É fundamental garantir a inclusão das mulheres nos programas de pós-graduação em literatura, promovendo
670 uma maior representatividade na crítica literária. Além disso, é essencial criar ambientes seguros e acolhedores
671 para que essas pesquisadoras possam compartilhar suas opiniões e perspectivas com tranquilidade, sem receio
672 de julgamentos ou discriminação. Somente assim será possível promover uma literatura mais diversa, inclusiva
673 e representativa. A representatividade das mulheres na crítica literária e no espaço acadêmico pode levar a uma
674 maior inclusão de mulheres nesses campos, o que propicia a uma maior diversidade de perspectivas e abordagens
675 na produção e análise literária. A prática docente de letramento literário por meio de obras de autoria feminina
676 também pode ser uma maneira eficaz de incluir obras escritas por mulheres na formação literária dos estudantes,
677 incentivando a valorização e o reconhecimento dessas obras.

678 Para modificar esse cenário, Duarte (1990, p. 22) enfatiza a necessidade de um esforço analítico e interpretativo,
679 alicerçado no feminismo, pois é desafiador "reconstruir a história literária da mulher a partir das páginas da
680 história do homem". Para tanto, Constância Lima Duarte fala da necessidade de termos um olhar agudo, arguto
681 e dialético. Sabendo que a crítica tradicional não tem dado conta de abordar a produção de escritoras de
682 maneira íntegra, uma leitura feminista pode trazer à luz problemas estéticos e questionar o cânone imposto
683 hierarquicamente. Na área de Estudos Literários, a preocupação com o ensinar e o aprender literatura, tanto
684 na educação formal quanto na não-formal², sempre esteve na agenda de discussões. Entretanto, nas últimas
685 décadas a Linguística Aplicada também tem se debruçado sobre essa problemática, contribuindo com a discussão
686 e enriquecendo a produção de conhecimento nesse escopo.

687 Práticas produtivas de letramento literário precisam agregar não apenas para a formação de leitores literários,
688 mas para a mobilização de ações que mediem na vida social dos estudantes. Para elaborar uma estratégia
689 assertiva de mediação, nesse sentido, é necessário volver o olhar para os efeitos provocados no processo restrito
690 de escolarização da literatura, sobretudo nas instituições públicas de ensino. É uma condição sine qua non
691 à formação de leitoras literários a proposição de práticas de diálogo, reflexão e criticidade, por meio de uma
692 perspectiva ética e responsiva do docente ao lidar com o texto literário em sala de aula.

693 Apoiada na perspectiva teórica da Linguística Aplicada in disciplinar de Moita Lopes (2006) e transgressiva,
694 de Pennycook (2006), pensando também em um ensino transgressor (hooks, 2017) para desenvolvimento de
695 letramentos literários, além do conceito de agente de letramento proposto por Kleiman (2006), proponho uma
696 relação desses conceitos com o ensino de literatura na educação básica, pensando na necessidade de evidenciar
697 nesse processo as literaturas de autoria feminina. Para efetivar um ensino de literatura significativo em sala
698 de aula, a/o docente poderá, enquanto agente de letramento e agente literário, estar alinhado a uma postura
699 decolonial.

700 Segundo dados da 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020),
701 realizada pelo Instituto Pró-Livro, 34% dos leitores tiveram influência de alguém para gostar de ler. O número
702 de pessoas que afirmaram ter tido essa influência em 2015 na mesma pesquisa foi de 33%. Os principais
703 influenciadores, segundo a pesquisa, são a professora ou professor e a mãe ou responsável do sexo feminino.
704 É nessa perspectiva que cito a/o docente de literatura como agente literário na escola,² Os espaços não-formais
705 referem-se a ambientes ou contextos que estão fora do âmbito tradicional da educação formal, como escolas e
706 universidades. No contexto dos Estudos Literários, esses espaços podem incluir clubes de leitura, grupos de
707 discussão, eventos culturais, plataformas online, entre outros, nos quais se promove o ensino e o aprendizado
708 da literatura de forma mais informal e acessível, buscando ampliar o alcance e a diversidade das experiências
709 literárias. A valorização desses espaços é fundamental para uma abordagem mais abrangente e democrática
710 no estudo e na apreciação da literatura. haja vista sua influência na inserção dos estudantes ao mundo leitor.
711 Kleiman (2006, p. 411) também evidencia a relevância do/a professor/a nesse processo:

712 A noção de agente de letramento está apoiada na premissa de que vir a ser um professor de alfabetização ou
713 um agente que envolve questões identitárias relacionadas à aquisição e ao uso da leitura e escritura. Num quadro
714 social que valorize as práticas locais dos grupos minoritários, uma forma de legitimação das práticas do professor
715 envolve a transformação das estratégias dos cursos universitários a fim de educar professores para virem a ser
716 agentes capazes de agir em novos contextos com novas ideias sobre letramento.

717 O cânone literário consiste em um recorte elitista da literatura, pois despreza obras categorizadas como
718 inadequadas e invisibiliza práticas comuns de leitura. Como reflexo da sociedade regida pela perspectiva de
719 homens héteros, brancos e cis, a produção literária também reflete o patriarcado ao evidenciar em seu cânone
720 obras escritas por homens em detrimento de livros escritos por quaisquer minorias sociais, principalmente as
721 mulheres. Muzart (1995) afirma que esse processo é tão complexo que implica também o fator de acomodação,
722 ou seja, a tendência de se reproduzir o estudo de autores e obras já consagradas por medo do novo. Isso perpetua
723 a abordagem de literaturas de homens brancos e algumas mulheres brancas. Assim, é essencial o combate ao
724 tradicionalismo, que traz um recorte previsível, misógino e colonizador para o centro da discussão literária,
725 desautorizando e desqualificando as literaturas que elucidam outras searas sociais, para além do centro.

726 No contexto social, principalmente brasileiro, a leitura literária se firma como um capital simbólico, na

727 perspectiva de Bourdieu (2021), que reforça hierarquias. Ao abordar de maneira inclusiva as literaturas em sala
728 de aula das escolas públicas, quebramos a concepção equivocada de que essas obras são exclusivamente destinadas
729 à classe dominante. Isso possibilita o acesso de todos e todas aos bens culturais. Refletir e problematizar os
730 efeitos negativos e restritivos desse monopólio precede à provocação e que a/o docente precisa ter uma postura
731 responsiva quanto a isso em sua práxis. Tal postura crítico-reflexiva deve abarcar o fazer docente e também a
732 análise literária, voltando o olhar para aspectos relacionados à representatividade nos textos, não apenas no que
733 concerne às literaturas de autoria feminina, mas também às obras de escritores negros, LGBTQIAP+, indígenas,
734 entre outros grupos sociais. A/O professor não é passiva/o ou neutra/o nesse processo.

735 Por isso, a escolha dos textos literários precisa ser firmada em uma postura responsiva e transgressora. Segundo
736 hooks (2017, pp. 55-56), A falta de disposição de abordar o ensino a partir de um ponto de vista que inclua
737 uma consciência da raça, do sexo e da classe social tem suas raízes, muitas vezes, no medo de que a sala de
738 aula se torne incontrolável, que as emoções e paixões não sejam mais represadas. [...] Fazer da sala de aula um
739 contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia
740 transformadora.

741 Em sala de aula, a/o aluna/o-leitor/a precisa ser incentivada/o ao contato com o protagonismo e autonomia
742 fomentados pelo acesso à literatura. É crucial reconhecer que é necessário acolher as vivências, cultura,
743 posicionamentos e comportamentos sociais dos sujeitos inseridos na sala de aula. Portanto, a/o aluna/o-leitor/a
744 deve ser visto na condição sujeito ativo, consumidor e produtor de cultura e que, nos diversos contextos nos quais
745 ela/e está inserida/o, possui autonomia. Para tanto, a/o docente pode ter uma prática embasada em uma visão
746 humanista e libertadora, aos moldes do que propõe Paulo Freire (2003, p. 11), sobretudo quando disserta sobre
747 a leitura como ferramenta para entender e se posicionar no mundo:

748 A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da
749 continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto
750 a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire,
751 2003, p. 11).

752 Moita Lopes (2006, p. 23) enfatiza que a produção de conhecimento em uma área que pretende intervir em
753 práticas sociais precisa "abrir espaço para visões alternativas ou para ouvir outras vozes que possam revigorar
754 nossa vida social ou vê-la compreendida por outras histórias". É necessário pensar que, para estudantes da rede
755 pública de ensino, a sala de aula é o primeiro -e talvez único -lugar de contato com a literatura. Dessa forma, a
756 escolha dos textos e temas abordados precisa partir de uma reflexão pautada na realidade social e cultural das/os
757 estudantes.

758 Segundo Moita Lopes (2006, p. 86), é preciso:

759 Criar inteligibilidades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar
760 para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão à margem: os pobres,
761 os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de
762 dificuldades sociais e outros.

763 O espaço da escola não pode ser apenas voltado à formação profissional das/os estudantes. O fazer docente
764 precisa propiciar às/aos alunas/os, independente de idade e condição social, formação para além da produção
765 exigida no mundo do trabalho. Para combater o capitalismo introjetado nos processos educativos e de produção
766 de conhecimento e propagar a voz dos grupos sociais estigmatizados, Moita Lopes (2006) sugere o desenvolvimento
767 de pesquisas e estudos que apresentem contrapontos a essa visão unilateral propagada como única.

768 A escolarização equivocada da literatura institui sobre ela um olhar tendencioso e, conseqüentemente, distancia
769 seu acesso de grupos interessados, porém privados historicamente desse, além de desconsiderar literaturas
770 marginais. A Linguística Aplicada indisciplinar suscita, além de uma postura ética frente aos saberes da
771 linguagem, uma transgressão e uma desaprendizagem do que é posto como tradicional e canônico quando se
772 pensa em literatura. Pennycook (2006, p. 69) problematiza que:

773 [...] tendo em vista as insistentes afirmações da parte de muitos que falam de posições marginalizadas, de
774 que o racismo, a pobreza, o sexismo, a homofobia e muitas outras formas de discriminação têm sido cruciais em
775 suas vidas como aprendizes de línguas, educadores, tradutores, pacientes, trabalhadores, clientes, réus, artistas,
776 escritores, telespectadores etc., parece difícil negar a importância de fazer tais conexões, como também parece
777 hipócrita escondê-las por trás de uma forma de relativismo liberal que insiste que não é possível tomar decisões
778 em relação ao mérito de tais casos.

779 Não se espera que as/os docentes insiram a perspectiva transgressora da Linguística Aplicada de forma imediata
780 em sua práxis pedagógica, porém, é significativo ao trabalho com literatura em sala de aula a promoção de atitudes
781 que problematizem os caminhos tradicionais no ensino e os transgridam, considerando os saberes e a cultura local,
782 bem como a pluralidade das/os alunas/os-leitoras/es. Tais pontos influenciam diretamente não apenas a inserção
783 do texto literário em sala de aula, mas também a escolha desses textos e a problematização inicial das temáticas
784 abordadas na contextualização com as/os estudantes.

785 A Linguística Aplicada e seus estudos transgressivos são significativos quando se pensa acerca de um ensino
786 de literatura menos excludente. Por isso, ao pensar em literatura de autoria feminina e seu ensino na educação
787 básica, o aporte teórico na área propicia à/o docente uma prática pedagógica mais assertiva.

788 Aline Oliveira Souza (2017), no Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, vinculada ao
789 Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, na UFSC, desenvolveu em sua

9 V. A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NO LIVRO DIDÁTICO

790 monografia uma pesquisa em que comparou quantitativamente as escritoras presentes nos livros didáticos de
791 língua portuguesa do Ensino Fundamental II usados na rede pública de ensino na cidade de Florianópolis. Foram
792 utilizados na análise três livros didáticos do Ensino Fundamental Anos Finais. A pesquisa deu conta de que, em
793 um dos livros, o número de escritores homens citados eram 63, enquanto o de mulheres escritoras era 10.

794 Segundo Souza, (2017, p. 15) "[...] a literatura e sua história presentes nos livros didáticos estão ligadas à
795 ênfase dada aos textos clássicos e canônicos que, não por acaso, são de autoria de homens -traço que, muitas
796 vezes, impede/reprime/invisibiliza a produção das mulheres." A autora menciona a ênfase na literatura e história
797 presentes nos livros didáticos, destacando a predominância de textos clássicos e canônicos, geralmente de autoria
798 masculina, o que pode reprimir ou invisibilizar a produção literária feminina. É repensar a representatividade
799 feminina na literatura e nos livros didáticos e buscar soluções para superar as desigualdades e limitações presentes.

800 Se compararmos os dados, podemos verificar que a citação de fragmentos literários destinados a mulheres não
801 chega a ser de 10%. Isso parece sustentar a perspectiva/discurso hegemônico/patriarcal de que as mulheres não
802 têm seu papel devidamente representativo/ reconhecido [...] (SOUZA, 2017, p. 33).

803 O limitado número de escritoras reflete a realidade social. As/os estudantes, ao terem seu primeiro contato com
804 literatura em sala de aula, conhecem poucas autoras e muitas/os mergulham no mundo dos livros acreditando
805 que por muito tempo as mulheres não tiveram sobre o que escrever, quando, na verdade, elas foram privadas
806 desse direito de expressão.

807 [...] Sabemos que a literatura não se resume apenas a um número restrito de mulheres que escrevem -e muito
808 menos de homens. Porém, apenas algumas entram para a categoria de célebres, como Raquel de Queiróz e Lygia
809 Fagundes Telles, que integram a Academia Brasileira de Letras (ABL) e, portanto, são autoras já consagradas.
810 Por este motivo, seus nomes aparecem nos livros didáticos de modo mais recorrente. Mas é importante ressaltar
811 que a ABL possui 40 cadeiras, das quais apenas 6 são ocupadas por escritoras, sendo elas: Ana Maria Machado,
812 Dinah de Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Raquel de Queiróz, e Zélia Gattai (SOUZA,
813 2017, p. 41).

814 A escola é um espaço que deve propiciar as/os estudantes olharem para esses dados de maneira crítica e
815 reflexiva, indo além do que as páginas do livro didático propõem. Nesse trabalho, docentes são cruciais para
816 conduzir as/os estudantes em leituras transformadoras.

817 9 V. A Literatura de Autoria Feminina no Livro Didático

818 A literatura de autoria feminina é um assunto que merece destaque, pois é uma forma de resistência no cenário
819 literário contemporâneo brasileiro, como aponta o artigo da pesquisadora Jéssica Casarin (2021). Para a
820 pesquisadora, na literatura -assim como em outras expressões artísticas -está imbricada de valores e aspectos
821 identitários de grupo e isso está sujeito a diversas maneiras de silenciamento na sociedade.

822 A presença de literatura de autoria feminina na América Latina e os impactos na produção de hoje na região
823 são analisados no artigo Mariana Gonçalves Campos de Brito (2021). O texto apresenta um breve histórico do
824 feminismo no mundo e, mais especificamente, dos movimentos feministas latinoamericanos. A autora destaca a
825 relevância da literatura produzida por mulheres na região e a importância de se discutir o tema.

826 [...] à medida em que as mulheres conquistam o espaço literário, afasta-se, cada vez mais, o machismo e o
827 patriarcalismo na América Latina, disponibilizando o acesso à leitura e à escrita de acordo com o ponto de vista
828 da mulher, rompendo com a exclusividade masculina que, por um grande período, teve o privilégio das letras
829 (BRITO, 2021, p. 28).

830 A reflexão sobre a literatura de autoria feminina e seus desafios é relevante para entender os momentos de
831 transformação e avanço cultural, como defende o trabalho de Gabrielly Késsia de Brito Negromonte (2022).
832 Para a pesquisadora, a despeito dos avanços das mulheres no campo literário, muitas escritoras ainda seguem no
833 esquecimento ou são lembradas superficialmente, sem o devido mérito e a necessária importância.

834 Negromonte (2022) defende que é crucial investigar as razões dessa negligência que se faz presente ainda hoje e
835 entender suas raízes. Segundo ela, há outras instâncias que diretamente ou indiretamente influenciam o ensino no
836 Brasil, fazendo com que essas discussões ainda resistam a ganhar espaço na sala de aula. Uma dessas instâncias
837 é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 3, além dos livros didáticos.

838 Cabe à escola, portanto, mostrar aos nossos estudantes o que a história literária brasileira excluiu ou apenas
839 mencionou: as produções literárias escritas por mulheres, promovendo um movimento dialógico entre o canônico
840 e a contemporaneidade. E não somente mostrar, mas fazê-los 3 A prova do ENEM se consolida como um
841 instrumento essencial para o acesso à universidade no Brasil, uma vez que determina a elegibilidade dos estudantes
842 para diversas instituições públicas e privadas, além de programas específicos como o PROUNI (Programa
843 Universidade Para Todos) e o Fies (Fundo de Financiamento Estudantil). conhecer, ler, debater e analisar.
844 Em suma, estudar as nossas escritoras e suas obras de modo que possam vivenciar uma experiência leitora que se
845 prolongue para além da sala de aula, colaborando para a formação de um leitor crítico, reflexivo e questionador
846 da realidade e das problemáticas sócio-históricas e culturais, como as desigualdades de gênero (NEGROMONTE,
847 2022, p. 03).

848 No contexto da Educação Básica, o livro didático é comumente um dos principais meios pelo qual o estudante
849 tem acesso e contato com a leitura literária. O artigo "A (não) presença da literatura de autoria feminina nos
850 livros didáticos de ensino médio", de Ana Cristina ??teffen (2018), busca analisar como a literatura produzida

851 por mulheres é abordada nos livros didáticos de ensino médio, especificamente, nas três coleções mais distribuídas
852 no Brasil, segundo o Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2015.

853 O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) é um programa do Ministério da Educação
854 (MEC) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que tem como objetivo avaliar e
855 disponibilizar obras didáticas, pedagógicas, literárias e de apoio à prática educativa de forma sistemática, regular
856 e gratuita para escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também
857 às instituições de educação infantil sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. A escolha de materiais
858 impacta diretamente na qualidade de ensino e no desempenho das/os estudantes, dessa forma, professoras/es e
859 membros das escolas avaliam quais livros atendem melhor às demandas das/os suas/seus estudantes.

860 A pesquisa parte da hipótese de que o apagamento da literatura feminina na história literária brasileira se
861 manifesta atualmente de diferentes formas, sendo uma delas o pouco espaço reservado à escrita feminina nos
862 livros didáticos. Para contextualizar essa análise, Steffen realiza uma pesquisa bibliográfica sobre a mulher na
863 condição de escritora, a presença da autoria feminina na história da literatura brasileira e a crítica feminista. A
864 autora argumenta que o fenômeno do apagamento da literatura feminina ocorre não devido à falta de produção
865 literária por mulheres, mas sim porque o cânone literário não as privilegiou, criando a falsa ideia de que a cultura
866 era produzida apenas por homens (STEFFEN, 2018).

867 A análise dos livros didáticos do componente curricular "Português" do Ensino Médio, das três coleções mais
868 distribuídas no país do Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2015, feita pela pesquisadora Ana
869 Cristina Steffen (2018), confirma a hipótese de que a escola e o livro didático são fatores decisivos na valorização
870 ou não de autoras mulheres, já que apenas um número muito pequeno de escritoras recebeu algum tipo de estudo
871 que ultrapassasse a simples menção de seu nome.

872 Nos nove livros didáticos analisados, foram identificadas 54 escritoras diferentes citadas. Dessas, 16 aparecem
873 em mais de um dos volumes analisados. Foram observados nomes recorrentes: Clarice Lispector foi citada nos
874 nove livros analisados; Cecília Meireles foi citada em seis deles. Porém, isso não significa, para Steffen, que as
875 autoras foram abordadas com a devida profundidade.

876 Sobre isso, Muzart (1995, p. 85) chama de "mesmice": prosseguir estudando as mesmas autoras já consagradas
877 para não se arriscar e se debruçar sobre a obra de outras ainda relegadas ao rol das "esquecidas".

878 A discussão apresentada no artigo de Steffen (2018) é indispensável, pois aponta para a necessidade de revisão
879 dos conteúdos abordados nos livros didáticos, de modo a incluir de forma mais equitativa as contribuições literárias
880 de autoras mulheres e a promover uma visão mais ampla e diversificada da história literária brasileira.

881 Embora caiba uma análise detalhada e profunda, Negromonte (2022) aborda rapidamente a influência que
882 o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tem nos moldes do material didático desenvolvido para o Ensino
883 Médio. Isso porque o Exame atualmente é o principal processo seletivo para ingresso nas universidades no Brasil,
884 entretanto, reflete o cânone e o mercado editorial: traz em suas questões avaliativas pouquíssima menção à
885 literatura de autoria feminina.

886 [...] No exame de 2020, das 11 questões voltadas para a área da literatura, apenas uma delas tratava-se de
887 um texto de autoria feminina (um poema da poeta, escritora e jornalista Laís Corrêa de Araújo). Já no exame
888 de 2021, das também 11 questões de literatura, apareceram mais autoras: Ana Paula Maia, Hilda Hilst e Maura
889 Lopes Cançado; porém, ainda é uma ocorrência mínima (NEGROMONTE, 2022, p. 08).

890 Como muitas pesquisas que envolvem materiais didáticos dedicam-se a elencar o que é recorrente no ENEM,
891 infere-se que esse seja um ciclo vicioso: o livro didático se apoia no cânone e no que o mercado editorial dita, isso
892 se reflete na avaliação e, por sua influência, se torna mais uma vez prioridade de abordagem no material didático
893 da educação básica.

894 O fenômeno de negligência da literatura de autoria feminina nos livros didáticos, devido ao apagamento
895 da literatura produzida por mulheres na história literária brasileira, reflete-se na pouca representatividade da
896 escrita feminina nos livros didáticos. A falta dessa representatividade é problemática, pois os estudantes não
897 têm a oportunidade de conhecer a literatura produzida por mulheres e, assim, perdem a chance de ter acesso a
898 perspectivas e vozes diferentes (STEFFEN, 2018).

899 Outro artigo que versa sobre o tema é o intitulado "Autoria feminina e os livros didáticos do PNLD 2018:
900 um estudo analítico", realizado por Aline Alves Arruda, Sâmila Luísa de Faria Miranda e Isadora Zhong Liang
901 Ferreira Feng, que objetiva analisar a presença de escritoras mulheres nos livros didáticos do Programa Nacional
902 do Livro Didático (PNLD) de 2018. O estudo foi dividido em duas partes: uma revisão bibliográfica sobre teorias
903 de gênero e literatura e um levantamento quantitativo e qualitativo da presença de autoras mulheres nos livros
904 didáticos do PNLD 2018.

905 Para a realização do estudo, as autoras dividiram as coleções dos livros didáticos indicados para o PNLD 2018
906 entre as pesquisadoras e seus bolsistas e, em seguida, realizaram um levantamento quantitativo e onomástico
907 das escritoras presentes nos três volumes das coleções. Além disso, foi feita uma análise qualitativa dos textos
908 produzidos pelas autoras mulheres presentes nos livros didáticos. Os resultados encontrados pelas autoras indicam
909 que a presença de autoras mulheres nos livros didáticos do PNLD 2018 é baixa e que, quando presentes, as autoras
910 são frequentemente colocadas em segundo plano em relação aos autores homens (FENG; MIRANDA; ARRUDA,
911 2021).

912 O artigo "E quando as escritoras (não) aparecem nos livros didáticos: Uma análise comparativa", de Aline
913 Oliveira Souza (2017), é um trabalho de conclusão de curso de especialização em gênero e diversidade na escola

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

914 vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal
915 de Santa Catarina e também versa sobre literatura de autoria feminina na educação básica. A pesquisa teve
916 como objetivo fazer uma análise comparativa e quantitativa das escritoras presentes nos livros didáticos de língua
917 portuguesa do Ensino Fundamental II distribuídos na rede pública de ensino de Florianópolis.

918 O estudo realizado por Souza (2017) elencou 20 livros didáticos de língua portuguesa distribuídos na rede
919 pública de ensino e analisou a presença e representatividade de escritoras nas obras. A pesquisa revelou que
920 a presença de escritoras nos livros didáticos de língua portuguesa ainda é muito baixa, em comparação com a
921 presença de escritores. Em média, apenas 25,5% dos textos literários analisados foram escritos por mulheres, e
922 a presença de escritoras nos livros didáticos variou de 0% a 54,5%. Entre as autoras mais presentes nos livros
923 didáticos, destacam-se Clarice Lispector e Cecília Meireles, enquanto outras autoras importantes, como Carolina
924 Maria de Jesus, Rachel de Queiroz e Adélia Prado, tiveram pouca ou nenhuma representatividade.

925 As pesquisas consultadas são importantes para evidenciar a falta de representatividade das mulheres na
926 literatura escolar, o que pode contribuir para a perpetuação de estereótipos de gênero e a invisibilidade das
927 mulheres na sociedade. A presença da literatura de autoria feminina nos livros didáticos é importante porque as
928 escritoras têm muito a dizer sobre diversos temas, não se limitando apenas às problemáticas do universo feminino.
929 O mercado editorial coloca as obras escritas por mulheres sob um estereótipo que há tempos é contestado: o
930 de que as mulheres escrevem apenas sobre temas domésticos, delicados, sentimentais, cheios de lirismo e sem
931 profundidade. No entanto, as mulheres não cabem dentro desse quadrado e também podem tratar de outros
932 temas como sexualidade, humor e violência ou qualquer outro que quiserem. As mulheres têm muito a dizer
933 sobre tudo, não só sobre o íntimo e o sentimental. A falta de representatividade da escrita feminina nos livros
934 didáticos pode ser reflexo de uma desigualdade entre a presença das mulheres e dos homens brasileiros nos
935 catálogos das grandes editoras.

936 Em algumas listas de finalistas de prêmios, as mulheres não aparecem, não porque escrevem menos ou
937 apresentam uma escrita de menor qualidade, mas porque a desigualdade entre a presença das mulheres e dos
938 homens nos catálogos brasileiros das grandes editoras é grande. O número limitado de mulheres nas listas de
939 livros mais vendidos ou nas cadeiras da Academia Brasileira de Letras não corrobora a ideia de que mulheres não
940 produzem literatura, mas sim que por séculos elas não puderam se apropriar dessa expressão artística.

941 Para combater a falta de representatividade da escrita feminina nos livros didáticos, é importante que haja
942 esforços para que essa produção chegue ao grande público. A escola é espaço basilar para o incentivo à leitura
943 e contato com a diversidade. Uma possível solução para a falta de representatividade da escrita feminina nos
944 livros didáticos é a inclusão de obras de autoria feminina nas listas de leitura obrigatória e nas bibliografias
945 complementares. É importante que as/os professoras/es, ao escolherem as obras a serem estudadas, incluam a
946 produção literária de mulheres. A inclusão de obras de autoria feminina nas listas de leitura obrigatória e nas
947 bibliografias pode contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, que valorize a diversidade
948 de vozes e perspectivas.

949 Outra iniciativa importante é a criação de políticas públicas que incentivem a produção e a distribuição de
950 livros escritos por mulheres. Um exemplo é a Lei 10.753/2003, conhecida como Lei do Livro (BRASIL, 2003),
951 que estabelece a obrigatoriedade de que pelo menos 50% das obras adquiridas pelo governo para programas de
952 biblioteca sejam de autores brasileiros e, desses, no mínimo 25% devem ser de autores negros e 10% de autores
953 indígenas ou pertencentes a outras minorias étnicas.

954 A pesquisa bibliográfica realizada sobre a presença da literatura de autoria feminina nos livros didáticos revela
955 reflexões de grande relevância. Nas análises consultadas, observa-se que a literatura produzida por mulheres
956 é frequentemente negligenciada na história literária brasileira, o que se reflete na escassez de espaço dedicado
957 à escrita feminina nos livros didáticos. Essa constatação ressalta a importância de aprofundar os estudos e
958 discussões sobre o tema, visando promover uma maior representatividade e valorização das obras literárias
959 produzidas por mulheres em contextos educacionais. Ao reconhecer e incorporar a diversidade de vozes e
960 perspectivas literárias, contribuimos para uma formação mais abrangente e igualitária dos estudantes, além
961 de enriquecer o panorama da literatura nacional como um todo.

962 Para que a produção de mulheres chegue ao grande público ainda é preciso um esforço imenso de pesquisadoras,
963 das editoras, dos júris de concurso, das/os professoras/es em instituições, das/os livreiras/ os que escolhem o que
964 entra nas livrarias. Caso contrário, permaneceremos nesse ciclo que perpetua o patriarcado e limita a presença
965 feminina nos espaços coletivos.

966 10 VI.

967 11 Considerações Finais

968 Ao longo da história, as mulheres foram sistematicamente silenciadas em diversos campos, inclusive na literatura.
969 Escritoras mulheres têm sido muitas vezes excluídas do cânone literário devido aos sistemas patriarcais que
970 favorecem escritores homens e suas obras. Essa exclusão resultou em um apagamento significativo das vozes e
971 perspectivas das mulheres na literatura, levando a uma compreensão distorcida da história e da sociedade.

972 O cânone literário apresenta mais autores homens do que mulheres devido à estrutura patriarcal da sociedade,
973 que historicamente marginalizou mulheres e suas obras. A construção do cânone literário é baseada em critérios
974 subjetivos, como a opinião de críticos literários e a recepção das obras pelo público, que muitas vezes são

975 influenciados por preconceitos de gênero. Além disso, a própria história da literatura foi escrita por homens,
976 o que levou a uma seleção enviesada de autores e obras que perpetuou a exclusão de mulheres.

977 Existem vários mecanismos que contribuíram para a manutenção dessa configuração excludente do cânone
978 literário. Um deles é a ideia de que apenas obras consideradas "clássicas" ou "canônicas" merecem ser estudadas
979 e valorizadas, o que exclui muitas obras escritas por mulheres e outras minorias. Outro fator é a falta de
980 representatividade das mulheres na crítica literária e na academia, que muitas vezes são dominadas por homens e
981 suas perspectivas. Essas questões estão presentes não apenas no Brasil, mas em todo o mundo, e têm sido objeto
982 de estudo e crítica por parte de estudiosas/os e ativistas do feminismo e da diversidade na literatura.

983 Outra das principais razões para o silenciamento das escritoras foi a falta de acesso à educação. Durante
984 séculos, as mulheres não tiveram as mesmas oportunidades que os homens para prosseguir na educação e, por
985 extensão, em suas carreiras literárias. Essa falta de educação formal significava que muitas escritoras eram
986 incapazes de desenvolver suas habilidades e talentos completamente, e suas obras literárias eram frequentemente
987 descartadas ou ignoradas pelo estabelecimento literário dominado por homens.

988 Para reverter esse apagamento histórico das vozes das mulheres, é essencial estudar e divulgar as obras
989 de escritoras. Ao fazer isso, podemos expandir nossa compreensão da literatura e da história e obter novos
990 referenciais sobre as experiências e perspectivas das mulheres ao longo da história. Também é importante
991 oferecer mais oportunidades para as mulheres seguirem carreiras literárias e receberem a mesma educação e
992 o mesmo reconhecimento que seus colegas homens.

993 Ler e estudar as obras de escritoras é crucial para entender as complexidades de gênero, etnia, classe e outros
994 fatores que se interseccionam, a partir de tais marcadores sociais, e moldam nossa sociedade. Também nos permite
995 desafiar as narrativas e perspectivas dominantes que tradicionalmente excluem as mulheres e marginalizam as
996 comunidades.

997 A exclusão das escritoras do cânone literário deve-se em grande parte aos sistemas patriarcais que favoreciam
998 os escritores masculinos e suas obras. Muitas das obras de mulheres escritoras foram consideradas muito
999 domésticas, sentimentais ou emocionais e, portanto, tidas como menos valiosas do que as obras de escritores
1000 homens. Esse estigma perdura até os dias atuais.

1001 A literatura brasileira é repleta de eminentes escritoras que contribuíram significativamente para a formação
1002 do patrimônio literário nacional. No entanto, a predominância de uma visão patriarcal na formação do cânone
1003 literário tem influenciado negativamente a elaboração do currículo escolar e a abordagem da literatura feita por
1004 mulheres nas escolas.

1005 O cânone literário é formado por um conjunto de obras consideradas fundamentais para a compreensão
1006 da literatura de uma dada época ou cultura. No Brasil, ele é dominado por escritores homens, com pouca
1007 representatividade de escritoras e, conseqüentemente, de obras literárias de autoria feminina. Essa falta de
1008 representatividade afeta diretamente a educação no país, limitando o contato dos jovens com essas autoras e suas
1009 obras. O apagamento das escritoras brasileiras do cânone literário tem um impacto significativo na construção do
1010 currículo escolar visto que ele é o conjunto de componentes curriculares que as/os estudantes devem aprender ao
1011 longo de sua formação, e é fortemente influenciado pelo cânone e pelo que se tem como "clássico" na literatura.
1012 A ausência de escritoras nessa seara desemboca no trabalho superficial com escritoras femininas na educação
1013 básica.

1014 A abordagem da literatura feita por mulheres na escola é fundamental para a construção de uma educação
1015 igualitária e inclusiva. É importante que as escritoras brasileiras sejam apresentadas aos estudantes para que
1016 possam se identificar com suas histórias, se inspirar em suas trajetórias e compreender a riqueza e diversidade da
1017 literatura produzida por mulheres. A escola tem um papel fundamental na valorização da literatura de autoria
1018 feminina, pois é um ambiente onde os alunos têm contato com diferentes tipos de literatura e podem desenvolver o
1019 gosto pela leitura. O desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante que
1020 começa no lar e é aperfeiçoado sistematicamente na escola. Portanto, a escola pode contribuir para a valorização
1021 da literatura de autoria feminina por meio da inclusão de obras de escritoras mulheres no currículo escolar.

1022 É imprescindível que a escola promova a discussão sobre a importância da literatura de autoria feminina e
1023 os desafios enfrentados pelas mulheres no mercado editorial. Dessa forma, os alunos podem ter uma consciência
1024 crítica sobre o tema e serem incentivados a ler obras escritas por mulheres, ampliando assim seu olhar sobre o
1025 mundo, conhecendo novas perspectivas e rompendo com a construção social cimentada no patriarcado.

1026 A pesquisa bibliográfica desenvolvida buscou, portanto, abordar a relevância e necessidade de incluir a
1027 literatura produzida por mulheres na práxis pedagógica, visando a construção de uma educação igualitária e
1028 inclusiva. A partir dos resultados obtidos, fica evidente a importância de apresentar as escritoras brasileiras
1029 às/aos estudantes, permitindo que elas/eles se identifiquem com suas histórias, se inspirem em suas trajetórias e
1030 compreendam a diversidade das literaturas de autoria feminina. Após a realização da pesquisa, pode-se afirmar
1031 que os resultados foram alcançados de maneira satisfatória. A inclusão das escritoras brasileiras no currículo
1032 escolar proporciona aos estudantes uma maior conexão com suas histórias, perspectivas e experiências. Isso
1033 contribui para a ampliação do repertório literário dos estudantes, promovendo uma maior diversidade de vozes e
1034 representatividade na sala de aula. Além disso, foi observado um impacto positivo na autoestima e na autoimagem
1035 das alunas, ao se sentirem valorizadas e representadas por autoras femininas. Através da inclusão de livros
1036 escritos por mulheres, a pesquisa alcançou seus objetivos de promover uma reflexão sobre a igualdade de gênero
1037 e questionar o apagamento das escritoras brasileiras no cânone literário.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

1038 A inclusão dessas obras no currículo não apenas garante a representatividade, mas também expande as
1039 perspectivas das/os estudantes e promove a valorização da diversidade literária. Foi possível problematizar a
1040 influência do cânone literário patriarcal na educação, evidenciando a exclusão das obras de autoria feminina e
1041 seus impactos na elaboração do currículo escolar. Como possíveis desdobramentos para a pesquisa, pretende-se
1042 futuramente explorar estratégias e diretrizes para a inclusão das literaturas de autoria feminina no currículo
1043 escolar; analisar quantitativamente coleções de livros didáticos usadas em instituições públicas do Estado de
1044 Alagoas com a pretensão de verificar quantas e quais escritoras são abordadas atualmente na educação básica; e
investigar o impacto dessa abordagem inclusiva na formação dos estudantes e de sua criticidade. ¹

Hyalle Jayne Silva

À Hyalle de oito anos de idade, que já enxergava sua
potência, inteligência e capacidade de conquistar o que
quisesse. E a todas as mulheres que sempre a inspiraram.

Figure 1:

Figure 2:

1045

¹ Observamos, com isso, que os espaços para a literatura de autoria feminina ainda são limitados, há dificuldades tanto para publicação de suas obras, quanto para premiação. Quando ocorre, as escolhas das editoras se aproximam de escritoras já conhecidas e que têm um público firmado. Entendemos, assim, que o machismo perdura também no mercado literário, uma vez que não são dadas as mesmas oportunidades para ambos os gêneros (CASARIN, 2021, p. 312).

-
- 1046 [Alós et al.] , A P Alós , B L Andreta , Crítica , Feminista . REVISITANDO AS ORIGENS.
- 1047 [Louro and Lopes] , Guacira Louro , Lopes . Uma perspectiva pós-estruturalista. (Gênero, sexualidade e
1048 educação)
- 1049 [Jakobson et al. ()] , Roman Jakobson , Linguística E Literatura , Paulo São . 1975. Editora Cultrix.
- 1050 [Bloom (ed.) ()] , Harold Bloom . Rio de Janeiro: Ed. Objetiva (ed.) 1995.
- 1051 [Candido (ed.) ()] , Antonio Candido . Sociedade. 8.ed. São Paulo (ed.) 2000. Publifolha.
- 1052 [Fragmentum ()] , Fragmentum . 10.5902/2179219426594. [https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/
1053 article/view/26594](https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/26594) 2017. 49 p. .
- 1054 [Casarin et al. ()] , Jéssica Casarin , Autoria Feminina Contemporânea E Resistência: O Mulherio Das De ,
1055 Letras . *Humanidades & Inovação* 2021. 8 p. .
- 1056 [Steffen and Cristina (2023)] ‘A (não) presença da literatura de autoria feminina nos livros didáticos de ensino
1057 médio’. Ana Steffen , Cristina . [//repositorio.ufc.br/handle/riufc/39808](https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39808) *Revista Entrelaces* 12
1058 jan. 2023. Fortaleza (CE). 1 p. . (out./dez. 2018. Disponível em <[https](https://)>)
- 1059 [Bourdieu ()] *A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner*, Pierre Bourdieu . 2021. 19. Rio de
1060 Janeiro: Bertrand Brasil
- 1061 [Freire ()] *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, Paulo Freire . 2003. São Paulo: Cortez.
1062 44.
- 1063 [Negromonte et al. ()] *A literatura de autoria feminina no Ensino Médio: lacunas e possibilidades*, Gabrielly
1064 Negromonte , Késsia De , Brito . 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.
- 1065 [Coelho and Novaes ()] ‘A literatura feminina no Brasil contemporâneo’. Nelly Coelho , Novaes . *Língua e
1066 Literatura* 1991. 19 p. .
- 1067 [Branco et al. ()] ‘A mulher escrita’. Lúcia Branco , ; Castello , Ruth Brandão , Silviano . *Rio de Janeiro:
1068 Casa-Maria Editorial: LTC-Livros Técnicos e Científicos Ed*, 1989.
- 1069 [Muzart and Lupinacci ()] ‘A questão do cânone’. Zahidé Muzart , Lupinacci . *Anuário de literatura* 1995. p. .
- 1070 [Feng et al.] *Autoria feminina e os livros didáticos do PNL D 2018: um estudo analítico. IX
1071 Seminário de Iniciação Científica do IFMG*, Isadora Feng , Liang Zhong , ; Ferreira ,
1072 Sâmila Miranda , Faria Luísa De , ; Miranda , Aline Arruda , Alves . <[https://www.
1073 ifmg.edu.br/sic/edicoes-antiores/resumos-2021/linguistica-letras-e-artes/
1074 autoria-feminina-e-os-livros-didaticos-do-pnld-2018-um-estudo-analitico.pdf](https://www.ifmg.edu.br/sic/edicoes-antiores/resumos-2021/linguistica-letras-e-artes/autoria-feminina-e-os-livros-didaticos-do-pnld-2018-um-estudo-analitico.pdf)>
1075 (Planeta IFMG. Novembro, 2021. Disponível em)
- 1076 [Bonnici ()] Thomas Bonnici . *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Editora da
1077 Universidade Estadual, 2003.
- 1078 [Da Conceição ()] ‘Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero’. Silva Da Conceição
1079 , Eliane . *Século XXI* 2019. 9 p. 21.
- 1080 [Cixous and Da Medusa ()] Hélène Cixous , Da Medusa . *Bazar do Tempo*, 2022.
- 1081 [Dowling ()] ‘Complexo de sabotagem: como as mulheres tratam o dinheiro’. Colette Dowling . *Rio de Janeiro:
1082 Record: Rosa dos tempos*, 2000.
- 1083 [Souza and Oliveira] *E quando as escritoras (não) aparecem nos livros didáticos: Uma análise comparativa.
1084 Trabalho de Conclusão de Curso*, Aline Souza , Oliveira . Santa Catarina. p. . Universidade Federal de Santa
1085 Catarina (Especialista em Gênero e Diversidade na Escola)
- 1086 [Hooks ()] *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla*,
1087 Bell Hooks . 2017. São Paulo: Editora Martins Fontes. p. 283.
- 1088 [Telles and Fagundes (ed.) ()] *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira
1089 de autoria feminina*, Lygia Telles , Fagundes . SHARPE, Peggy (ed.) 1997. Goiânia: Editora Mulheres. p. .
1090 (A mulher escritora e o feminismo no Brasil)
- 1091 [Duarte and Lima ()] *Feminismo e literatura no Brasil. Estudos avançados*, Constância Duarte , Lima . 2003. 17
1092 p. .
- 1093 [Brito ()] ‘Gonçalves Campos de’. Mariana Brito . *Literatura de autoria feminina na América Latina*, 2021.
- 1094 [Gomes and Carvalho ()] ‘Imagem e autoimagem: identidade feminina no Cânone literário brasileiro’. Melissa
1095 Gomes , Carvalho . *Signótica* 2003. 15 (1) p. .
- 1096 [Brasil ()] *Institui a política nacional do livro*, Brasil . <[https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/
1097 LEIS/2003/L10.753](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.753)> 2003. 2023. (Lei 10.753, de 30 de outubro de)
- 1098 [Fanini and Asmar ()] ‘Júlia Lopes de Almeida: entre o salão literário e a antessala da Academia Brasileira de
1099 Letras’. Michele Fanini , Asmar . *Estudos de sociologia* 2009. 14.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 1100 [Kleiman ()] Angela B Kleiman . *Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento social.*
1101 *Filologia e linguística portuguesa*, 2006. 8 p. .
- 1102 [Foucault ()] ‘Linguagem e literatura’. M Foucault . *JZE R Machado , Foucault (eds.)* 2000. Rio de Janeiro. p. .
- 1103 [Mello ()] *Literatura, feminismo e ditadura: possíveis caminhos da crítica literária para uma leitura de obras*
1104 *escritas por mulheres no período do regime militar brasileiro*, Evelyn Mello . 2020. ITINERÁRIOS-Revista
1105 de Literatura
- 1106 [Woolf ()] *Mulheres e ficção*, Virginia Woolf . 2019. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras.
- 1107 [Muzart and Lupinacci (2013)] Zahidé Muzart , Lupinacci . [https://revistas.uepg.br/index.php/](https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400)
1108 [muitasvozes/article/view/6400](https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400) *Uma Pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas Vozes*, 2013. jan.
1109 2023. 2 p. 28.
- 1110 [Beauvoir and De ()] ‘O segundo sexo: a experiência vivida’. Simone Beauvoir , De . *Rio de Janeiro: Nova*
1111 *Fronteira*, 2019. 5.
- 1112 [Lopes and Da ()] *Por uma linguística aplicada indisciplinar*, L P Lopes , Da . 2006. São Paulo: Parábola.
- 1113 [Wollstonecraft ()] *Reivindicação dos direitos da mulher*, Mary Wollstonecraft . 2016. São Paulo: Boitempo
1114 Editorial.
- 1115 [Instituto Pró-Livro ()] *Retratos da Leitura no Brasil*, Instituto Pró-Livro . [https://www.prolivro.org.](https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/)
1116 [br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/](https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/) 2020. São Paulo. p. .
- 1117 [Silva and Manuel De Aguiar ()] Vítor Silva , E Manuel De Aguiar . *Teoria da literatura. 8. ed. Almedina:*
1118 *Coimbra*, 2007.
- 1119 [Eagleton and Dutra ()] *Teoria da literatura: uma introdução*, Terry ; Eagleton , Waltensir Dutra . 2006. São
1120 Paulo: Martins Fontes.
- 1121 [Um teto todo seu ()] *Um teto todo seu*, 2014. São Paulo: Tordesilhas.
- 1122 [Pennycook ()] ‘Uma linguística aplicada transgressiva’. A Pennycook . *Por uma linguística aplicada indisciplinar*,
1123 L P Lopes , Da (eds.) (Org; São Paulo) 2006. Parábola. p. .
- 1124 [Vários Escritos ()] *Vários Escritos*, (São Paulo) 1995. p. .